

*Vantagens da vida campestre; em resposta á carta, em que de Lisboa se despedia, devendo partir para a Bahia, Paulo José de Mello, escritas de Paris aos 21 de Maio de 1806. Por B.**** 37

Soneto aos annos de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor. 44

Satira aos Poetas, attribuida ao celebre Philologo Pedro José da Fonceca. 45

HISTORIA.

Viagem da Capitania de S. Paulo á Villa de Cuiabá. 50

História do Rio de Janeiro, Descobrimen- to, e primeira restauração deste Terri- torio. 61

POLITICA.

Manifesto da America Septentrional contra a Gran Bretanha; 70

Declaração de Luiz XVIII. Rei de França. 83

Declaração do Principe Regente da Gran Bretanha contra os Estados Unidos da America. 86

Discurso sobre o Estado Politico da Eu- ropa. 112

Continuação do Estado da atmosphera. 125

O PATRIOTA,
 JORNAL LITTERARIO,
 POLITICO, MERCANTIL, &c.
 DO
 RIO DE JANEIRO.

*Eu desta gloria só fico contente,
 Que a minha terra ameí, e a minha gente.*
 Ferreira.

N. 6.º
 JUNHO.

Reservado da Secção
 Biblioteca Nacional
 RIO DE JANEIRO.

NA IMPRESSÃO REGIA:
 1813.
 Com Licença.

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho,
 na rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis.*

(3)



L I T T E R A T U R A .

*Methodo de achar novas combinaçoens de letras
para novas palavras, continuado do
N.º 5.º pag. 18.*

P Rincipiando das monosyllabas: tomemos a primeira vogal, e vejamos quantas combinaçoens lhe podemos dar com as consoantes; teremos:

ba, fa, ga, na, ra, sa, ta, za, lha, nha,
bla, cla, fla, gla, pla,
bra, cra, dra, fra, gra, pra, tra.

São 22 combinaçoens, pois ainda que *sa* seja já palavra usada em apelido de familia; esse uso he tão limitado, que não fará equivoco ainda que se empregue em significar v. g. huma nova planta. O mesmo se pôde dizer de *na* usada já como particula. Omitirão-se as já usadas como *ca la pa*, e as de má pronuncia, ou que parece soar duas vogaes como *nhrã, chra, jra, nra*.

Se depois ás 22 acrescentarmos *l* final, teremos outras tantas; e mais; pois se já se usa *da, pa*, ainda se não usa *dal, pal*. Se em vez do *l* se substituir *r* teremos outras; e se outras; o que já dará humas 88. E pôde-se

ainda adiantar substituindo, já *rl* v. g. *barl*, *carl*, ou *sl*, *basl*, ou *nl*, *banl*; ou *nsl*, ou *rsl*. Se tambem se tira a consoante inicial podemos ter *al*, *ã* (*ar*, já *ha*), *anl*, *ansl*, *arl*, *asl*, e assim sobem a mais de 200.

Procedendo-se a operar da mesma sorte com cada huma das outras vogaes *e*, *i*, *o*, *u*, e com os nossos oito diphthongos *ai* *ei* *oi* *ui*; *au* *eu* *iu* *ou*, teremos 2400, que ainda se pôdem subir a mais pelos acentos nas vogaes, e *e* *o* como em *fêz* *Fêz* *pêz* *fôz*.

E se tantas palavras nos pôde dar huma só syllaba, que não parecia capaz de tão varia combinação; já nos leva a huma multidão, que parece sem numero a combinação de duas. Tomemos esta palavra *rola*, e sem substituir alguma de suas letras teremos estas outras combinaçoens; andando só com as vogaes: *ralo*, *oral*, *arel*. Se tambem com as consoantes *lora*, *laro*, *olar*, *alor*. E subtraindo huma letra: *ora*, *aro*, *ola*, *alo*. São já 12, de que tirando as palavras já usadas, ainda ficão humas 7 novas. E recorrendo á varia possível acentuação, teremos mais estas 7 novas *rolá*, *ralô*, *lorá*, *larô*, *orá*, *arô*, *alô*, e ainda *olá*, cujo som se assemelha a outra já usado, mas não he attendivel equivoço.

Tendo já 14, ou 15, se em vez do *a* se substitue *e* poderá dar outras tantas, e se *i* outras &c., e se cada hum dos 8 diphthongos, muitas outras; por tuão humas 180. Se

depois da mesma sorte repondo o *a* se fazem as substituiçoens em vez do *o* se poderão ter outras 180. Pôde-se depois passar a substituir ambas *o* e *a* por outras, e pelos diphthongos, cujas varias possiveis combinaçoens as farão subir a muitas mil.

Pôde-se depois passar a acrescentar consoantes; e assim de *rola* se pôde formar *rolal* *rolar* *rolã* *rolal* *rolã* e *bromlã* *bronal* *bronar* *bronã* *brorla* *brorlai* *broriã* *broslal* *broslar* *brosiã* *bronsla* *bronsial* *bronslar*, *bronslã*; cujas combinaçoens se pôdem multiplicar pelas outras consoantes, substituindo-as pelo *b* como *erola*, *erolal* &c. Se depois se correm estes varios modos de consoantes pelas antecedentes combinaçoens de vogaes e diphthongos, já custarão a numerar. E que será quando se passe em todos esses casos a substituir já a primeira consoante *r* por todas as mais consoantes: e depois a segunda *l* tambem por todas as mais: e depois essas outras consoantes entre si por todos os modos possiveis, sem esquecer em todos os casos as diferentes acentuaçoens? Ter-se-hão, ainda omitidas as já usadas, e as menos bellas, muitos e muitissimos milhares de selectas palávras.

Tentando-se combinaçoens trisyllabas não se acharia fim. Para alguma idéa tomemos 3 vogaes á vontade v. g. *aio*, e tambem 3 consoantes como *l m r*. As vogaes pôdem-se dispor destes 6 modos *aio*, *aoi*, *iao*, *ioa*,

gia, oai: e por outras 6 as consoantes, e correndo cada hum destes pelos 6 das vogaes, se terão 36. E se a consoante inicial se passar para final dará outras 36. E se se omitir huma consoante, já *ol*, já *om*, já *or*, muitas mais teremos. Póde-se passar a substituir as vogaes pelas outras vogaes, e dipthongos. Depois pelos acrescimos de consoantes, e substituições de consoantes, e acentuação já na penultima, já na ultima, já na antepenultima, não sei se lhe acharia numero.

Entende-se bem que se poderião componer novas palavras, sem exceder a trissyllabas, e bem escolhidas, tantas, e muitas mais das que se achão nos mais abundantes Dicionarios existentes. Ao nosso proposito seria util que houvesse quem publicasse huma collecção manual de selectas combinações silabicas; para que a mão do Escriptor singularmente que trata de paizes, e objectos novos, sem se deter vá enriquecendo, com acerto a lingua. Quem tiver o tempo, e animo de tão bom serviço á sua nação, poderá repartir as monosyllabas a hum capitulo, as disyllabas a outro; e trissyllabas a outro: talvez fazendo paragrafos, v. g. já das mais apropriadas para objectos asperos; já para suaves: já para grandes; já para pequenos e humildes: ou melancolicos; ou festivos.

As monosyllabas serião em menor numero, pois realmente não dão tanto onde escolher.

e talvez se recie que abundando já os monosyllabos em razão das particulas, que tanto se repetem na nossa lingua (como succede em todas, cujos nomes não declinão) se se carregasse de palavras monosyllabas viria a ficar menos grave a oração. Os verbos porém melhor o serião todos, pois sempre por huma monosyllaba são muitas polysyllabas: *Ler* v. g. dá *lemos* *lessemos* *leriamos* &c. Com tudo duvido bem que a tal consideração do bello accidente da gravidade da oração valha a brevidade, que se consegue das monosyllabas, em quanto sejam boas, e fora de equívoco. Se nossas palavras fossem monosyllabas, em quanto as obras de outros, que as tenham trissyllabas, occupassem tres volumes, em nossa lingua se encerrava em hum só, é que estimavel prerogativa até para imprimir noticias publicas, gastando-se huma só hora em vez de tres: menos papel, menos homens, menos tempo a escrever, e a ler: até de mais facil leitura; que não são muitos mesmo instruidos os bons leitores.

Nas disyllabas se deveria tomar o maior numero, pois que em quanto estiver na nossa mão, façamos, se he possível, que os livros nos sejam mais maniaveis, nos poupem o dinheiro, e sobre tudo o precioso tempo. Das trissyllabas menos se deverião introduzir: além das muitas compridas palavras, que já temos, sempre haverá as formadas de outras, que não

põem ser pequenas: demais as terminaçoens dos verbos, os superlativos, diminutivos, augmentativos (virtudes mui especiaes da nossa lingua, e cujo preço não parecem ter bem conhecido, e feito valer os nossos escriptores) sempre haverão as compostas como *util inutil, edificado reedificado, fazer desfazer &c.*

Dever-se-hia ajuntar aquella collecção as reflexçoens aqui apontadas, mas mui brevemente, e omitindo o desnecessario; e outras novas, que se podessem haver para luz, e norte aos escriptores, que se acharem nas occasioens de empregar novas palavras. O mais bem entendido modo he adoptar palavras das linguas sabias, e as do paiz, donde vem o objecto. A cautelosa prudencia he não se prender a isso, até á custa de perder huma nova bella palavra, breve, significante, por huma ou longa, ou feia. Creio que se não deve ter respeito a essas naçoens barbaras da America; porque a palavra de huma não será conhecida de cem outras; só se ella em si fosse boa.

Quanto aos nomes de hervas, e plantas, e outros objectos de Botanica, ou Historia Natural, deverião ser communs entre os Naturalistas, e o povo: mas se suas derivaçoens as fazem longas, ou menos bellas, que se fiquem elles com ellas; e se tomem outras: ou antes elles em tal caso se acostassem ás populares breves, lindas, significantes. E nunca jámais se tolere o barbaro uzo bem frequente

nos botanicos de duas palavras inteiras para hum só objecto.

Em tomar as palavras d'outra lingua attenda-se ás modificaçoens, que os Sabios tem uzado. Assim vemos que como os Latinos voltarão em *us* os nomes dos Gregos em *os*, nossos escriptores as tomarão em *o* v. g. em o Grego *Antidotos* he em Latim *Antidotus*, e entre os nossos *Antidoto*. E se alguma vez se desviarão, era pouco, e não sem algum motivo, v. g. dixerão *a Safira*, vendo em Latim *Saphirus*, mas foi para evitar a irregularidade do Genero, que tem em Latim. Com tudo ainda neste caso melhor fora não se ter desviado; pois o *Safiro* para nós seria pelo menos igualmente bom: assim como dizemos *o topazio, o rubi, o diamante*. A irregularidade allí, se a havia, era lá no Latim, que nos não importa. Tambem disserão *crystal de chrytallus*, omitindo a vogal final, que deveria ter; mas a terminação ficou bastantemente semelhante, e a palavra mais curta, e por tanto disculpavel esta licença.

Não se assim das inscias irregularidades, que se topão ordinariamente em algumas traduçoens modernas. Virão no seu livro Francez *proselyste, Indus, Elbe*, e nos dão em Portuguez *Proselysta, Indus, Elba*. O Escripitor que sabia que em latim se diz *proselystus, indus*, e naturalmente se diria *Elbus*, e como nossos bons autores voltavão, não diria senão *prose-*

tito, Indo, Elbo, olhando mais para a lingua Mãi, e de mais distincto respeito. Nem sendo *proselito* nome propriamente applicavel a homem, e os outros, nomes de rios, entre nós masculinos, faria aquellas terminações irregulares, correndo sem regra alguma a empiorar a lingua, que os Sabios tanto dezejáõ sã, e o melhor cultivada; e ella o merece. Em estes traductores, ou Escriptores ler-se-há huma obra inteira, sem se achar o plusquam perfeito proprio v. g. *amara, deffendera*, mas só traduzidos mui servilmente *tinha amado*, ou *havia offendido* rodeio, dessas pobres linguas, que não se podem melhor explicar.

Estas reflexoens, primariamente intentadas para o melhor acerto das inumeraveis dicçoens nvas a empregar agora no Brazil, não deixão de ser de mais geral transcendencia: muito mais que por se não acharem á mão em breve escrito taes advertencias, se vem escriptores estimaveis cahir incautamente em trivialidades erroneas, vindo a concorrer a empiorar o nosso nobilissimo idioma, que poderião, e dezejarião melhorar. Escreve-se *perca* em vez de *perda*, que não he má palavra, e a outra lá está no conjunctivo do verbo *perder*. Em vez de *queda*, *cahida*, que he adjectivo; em vez de cranciro (sepultura) se vê carneiro: multiplicando equívocos, e irregularidades. Para que escrever *athé* por *até* sem nem ainda o pretexto de derivação latina para aug-

mentar letras inuteis? E aquelles dois *ll* em v. g. *matallo*, que não sendo senão *mutar o* por *antithese* trocado ó r final em *l*, e escrito junto com o *o* ali Pronome. No que cahem tambem os que escrevem *pello pella* em vez de *pêlo pêlu*. E já se imprimio *mutarão-o* que com mais acerto se diz *mutarão-no*, separando o ultimo *o* por hum *n*, que se lhe acrescenta em razão da Eufonia, como tambem usirão os Gregos. Os lugares, em Latim *ubi; unde; qua; quo; onde; donde; por onde; para onde* ou *uonde*; equivocados á Castelhana, e escritos *donde; de donde; por onde; para donde* ou *adonde*. E o pior ás vezes o tal *adonde* ou ainda *avonde*, em vez de significar o lugar *quo* por força daquella proposição *u*, applicados a significar *ubi*. Acertadamente he *avonde feste?* *Onde estive?* Talvez por affectos a ler em Hespanhol *em lo; em la*: só escrevem *em o; em a*: que incomparavelmente melhor se diz *no na &c.* Tambem quantos não advertem na incoherencia de pôr as datas em obras não escritas em Latim, em caracteres Romanos: mais toleravel seria o contrario; pois ao menos os algarismos são muito melhor invenção.

Já dava por acabado este escrito: mas ainda me lembra que seria bom examinar, e regular a derivação entre nossos nomes e verbos cognatos. O verbo significa huma acção; esta se pôde nomear como huma coisa,

e dá-se-lhe nome. *Amar* então se chama *amor*; *temer*, *temor*. Mas não basta trocar, como nestes, a ultima silaba do verbo em *ôr*, para se ter o seu nome cognato: não ha derivação mais varia: humas vezes serve a primeira pessoa do presente do Indicativo como *uso* de *usar*; *sonho* de *sonhar*; *passoio* de *passoar*. Outras he a terceira v. g. *cava* de *cavar*; *roda* de *rodar*. Outras o mesmo Infinito como *andar*, outras o particípio do preterito como *o rugido*; *latido*; e *ouvida*. Outras nada disso; nem ha coisa mais sem regularidade. Com tudo nesta mesma sua irregularidade ou variedade como infinita, se deverião ter como á não os tão varios modos de formar os taes nomes dos seus verbos; ou os verbos de seus nomes; para a toda a hora se saber formar; e escolher de muitas possiveis as melhores. Fugir-se-hia sobre tudo das em *ão* v. g. *oração* de *orar*. Tambem as que são pessoas do verbo, e ainda mais o mesmo infinito, pelo equivoco a não ser e que pelo accento se evite o equivoco, como *chôro* de *chorar*, pois a primeira pessoa *he choro*. Humas em *ura* *fervura* de *ferver*, em *ume* *ardume*, *costume*, de *urdir*, *costumar*. *Chamamento*, *livramento*, *ri-zo*, *alegria*, *carreira*, *aplouzo*, talvez mais.

E se se reduzisse a regularidade, ou tal qual methodo, a derivação de todos os nomes verbaes possiveis; em cada verbo se teria huma fonte de abundantes termos, o que faria

a lingua muito mais flexivel a se acomodar aos sentidos sem rodeios. Temos Participios do Presente, do Futuro; mas quão pouco partido se tira de seu uso; do futuro singularmente apenas temos *venturo*, *futuro*, *moribundo*, *ordinando*. Não sei se algum mais. Dever-se-hia descobrir, e ainda estabelecer o modo de evitar o equivoco de significação activa em Participios Passivos como *lido*, que, ou se toma como só devera ser, como em *livro lido* ou activamente *homem lido*, isto he, que lê muito. Ou *entendido*, porque entende muito. Se se não podesse sempre aplicar para a significação activa o Participio presente como seria *lente*, *intelligente* ou *entendente*, melhor seria usar outro nome verbal, como aqui seria *lector*, *entendedor*. E não se *dizendo matante*, *cantante*, se diz *matador*, *cantor* ou *cantador*.

Não deixõ de advertir, que, ao menos ao principio muitas derivações parecerião duras; mas obrando-se com sistema, e intelligencia, com o tempo iria a lingua tornando-se mui flexivel; e tudo pareceria mui notavel, e até gracioso, e elegante. Quem nesta fabrica pôde mais adiantar, com passos mais largos, e para assim dizer, saltando longe, são os bons Poetas. Que não fez Camoens! Quasi huma lingua nova. Mas he mui necessaria particular illustração nesta materia, e bem divulgada para muitos, e, se fosse possível, todos concorrerem; e a ignorancia não pizar com

seus tocos pés o bem plantado, e para assim dizer, de novo nascido. Hum poeta já disse: o *Brazilo metal* (ouro). Oxalá tão bello adjectivo faça antiquar *Brazileiro* *Braziliense*. Mas quantos o terão lido sem perceberem o que val. Quantos até produzem pálvras más, havendo-as boas do mesmo sentido! Se não contribuem a aperfeigoar a lingua, ao menos não lhe fação taes damnos sem necessidade.

ÀS ARTES.

Poema, recitado no dia dos annos de S. Magestade Fidelissima D. MARIA I. em 1788.

JÁ fugirão os dias horrozos
De escuros nevociros, dias tristes;
Em que as Artes gemerão desprezadas
Da nobre Lisia no fecundo Seio.
Hoje cheias de gloria resuscitão
Até nestes confins do Novo Mundo,
Graças á Mão Augusta, que as anima!

Vejo grave Matrona meditando (1)
Com os olhos no Ceo: a mão exacta
Dos Planetas descreve o movimento:
Por justas Leis calcula, peza, e mede
Forças, massas, e espaços infinitos:
Dois Genios voadores lhe apresentão
Movel eburneo Globo, em que ella grava
Os limites do Imperio Lusitano:
Ella dirige sobre os vastos mares
Nadantes edificios, que transportão
Os thesouros, e as armas, de que treme
O ultimo Occaso, e o ultimo Oriente.

A par desta outra Deosa move os passos (2)
Da firme experiencia sustentada:
Ella conhece as causas, e os effectos:

(1) Mathematica.

(2) Fisica experimental.

Ella exerce, ella augmenta, e diminue
 Da Natureza as forças: a Luz pura
 Atravéz do Cristal separa os raios,
 E mostra aquellas primitivas côres,
 Que formão a belleza do Universo.
 Por suas Leis os differentes corpos
 Se ajuntão, e se movem: o Tridente,
 Que levanta, e que abate as negras ondas
 Escuta a sua voz; e o mesmo Jove,
 Se tropeja, e fulmina, reconhece, (ma. (1)
 Que ella o move, ella o rege, ella o desar-
 Funesta gloria, que custou a vida
 Ao novo Promethêo, que impio roubara
 A subtil chama do Sagrado Olimpo! (2)
 Por ella o Nauta illustre, e valeroso (3),
 Vindo abaixo dos pés as tempestades,
 Vai sobre as nuvens visitar a Esfera.
 E tu quem és, ó Ninfa, tu, que juntas,
 Indagas, e descobres os thesouros,
 Que fecunda produz a Natureza? (4)
 Recebe as tuas Leis todo o vivente,
 O nobre Racional, o vil Insecto,

(1) As experiencias da materia Electrica sobre o Raio.

(2) O desgraçado Professor de Petersburg Richman, que morreo experimentando o Conductor da materia Electrica.

(3) O primeiro Aeronauta Mr. Pilatre de Rosier.

(4) Historia Natural.

O mudo Peixe, as Aves emplumadas,
 As indomitas Feras, e escamozas
 Mortiferas Serpentes, e os Amphibios,
 Que respirão diversos Elementos.
 Dos vegetaes na immensa variedade
 Tu conheces os sexos, e distingues
 Quaes servem ao commercio, e quaes restaurão
 A perdida saude: tu nos mostras
 A prata, o ouro, as pedras preciosas,
 Com que opulenta a inclita Lisboa
 Vaidosa sobre o Tejo se levanta:
 A tua mão benefica rasgando
 Occultas veias de asperos rochedos,
 Arranca o ferro, que revolve os campos,
 Por quem o Lavrador recolhe alegre
 Do seu nobre suor os doces fructos.

E tu, que com poder quasi divino (1)
 Imitas portentosa, rica, e bella
 As produçoens da sabia Natureza,
 Vem, ensina aos Mortaes, como a Materia
 De differentes modos combinada,
 Fôrma infinitos mil corpos diversos,
 Corpos que nem vegetão, nem respirão.
 Por tua mão laboriosa vejo
 Em pedra transformar-se a molle argilla,
 Em cristal as areias: tu desatas
 A união dos metaes, e ainda esperas
 Formar o ouro brilhante, que enobrece
 Da inculta Patria minha os altos montes,
 b

(1) Chimica.

E se eu trêmo de horror, vendo-te armada
 Humna mão de mortiferos venenos;
 Agradecido, e respeitoso beijo
 Outra mão, que benigna me prepara
 As riquezas, e as forças, que reprimem
 A pallida doença rodeada
 Dos espectros da Morte . . . Ah vem, oh bella
 Irmã da Natureza enfraquecida, (1)
 Que provida conservas, que renovas
 Da humana vida a preciosa fonte.
 De que serve o valor, e os cheios cofres
 De Midas, ou de Cresso, se desmaião
 Em languidez os membros, quando a febre,
 E os correios da Morte accelerados
 Do afflicto coração ás portas batem?
 Então cheia de amor da humanidade,
 (Misera humanidade!) pouco a pouco
 Tu a consolas, e ergues d'entre as sombras,
 E frio horror da negra sepultura.
 Estende, estende, oh Deza, a mão benigna
 A' fraca humanidade: e tu, que podes
 Unir os rotos lacerados membros, (2)
 E com saudavel, e pollido ferro
 Affugentas a Morte, e que conheces
 Todos os laços da Structura humana,
 Entorna o doce balsamo da vida
 Sobre os tristes Mortaes. Já reconheço
 Outra formosa Ninfa, que descreve (3)

- (1) Medicina.
 (2) Cirurgia.
 (3) Geografia.

Toda a extensão da Terra, o Mar, os Rios,
 As famozas Cidades, e as montanhas,
 De polidas Naçoens brandos costumes,
 E de barbaros Povos fera usança,
 Sincera indaga, e cuidadosa exprime.
 Com ella vem bellissima Donzella, (1)
 Que com grave eloquencia narra os factos,
 Que o Mundo vio desde a primeira idade:
 Ella nos mostra em quadros differentes
 Os tempos, as Naçoens, e a varia sorte
 De Imperios elevados, e abatidos,
 As allianças, a implacavel Guerra,
 O progresso das Artes, e a ruina.
 Mas que illustre Matrona entre as mais vejo
 De verdes louros coroada a frente? (2)
 Tem nas mãos plectro eburneo, e Lira de ouro,
 Que celebra os Heroes, e que eterniza
 No Templo da Memoria o Nome, e a Fama
 Dos inclitos Monarcas: já das Deozas
 A companhia escuta: já repousão
 As nuvens sobre o cume das Montanhas:
 O rouco Mar, os ruidosos ventos,
 A fonte, o rio, os ecos adormecem:
 Reina o silencio: em tanto solta aos ares
 Calliope divina a vós sonora.
 „ Os Tiranos da Patria, assoladores
 „ Do Povo desgraçado, são flagellos,
 „ Que envia ao Mundo a colera celeste:

b ii

- (1) Historia,
 (2) Poczia.

29 São dos Mortaes o horror, a infamia, o odio,
 28 Mais cruéis do que a Peste, s Fome, e a
 27 " Guerra.
 26 O Seu dia natal, he dia infausto.
 25 Dia de imprecação, epoca triste.
 24 De susto, e de geral calamidade;
 23 Mas o Monarca generoso, e pio,
 22 Amor, delicias, esperança, e gloria
 21 Da Nação venturoza, que protege,
 20 He dom raro, e magnifico, que nasce
 19 Da eterna mão, que volve os Ceos, e a
 18 " Terra.
 17 O dia, o feliz dia, que primeiro
 16 O deo ao Mundo, he dia assignalado,
 15 He dia de prazer: o Povo unido
 14 Levanta as mãos ao Ceo: os puros votos
 13 Com lagrimas de gosto misturados,
 12 São a publica voz, e o testemunho
 11 De gratidão, de amor, e de ternura.
 10 Tal he, Rainha Augusta, a vossa Imagem,
 9 Tal foi o inclito Rei, que teve a sorte
 8 De deixar á saudosa Lusitania
 7 A digna Filha, generosa herdeira
 6 Do grande coração, do vasto Imperio.
 5 Se elle invicto abateo com braço herculeo
 4 A horriavel Hydra, os destestaveis monstros,
 3 Deixou tambem aos vossos firmes passos
 2 Da bella gloria abertos os caminhos.
 1 O Coro illustre das Reaes Virtudes
 Vos segue em toda a parte; e a esperança
 Da Nação venturosa junto ao Throno

29 Erguendo os olhos, e alongando os braços;
 28 De vós confia, e só de vós espera
 27 Os bellos Dons da Paz, e da Abundancia.
 26 Vejo por terra a estúpida, e maligna
 25 Cohorte da Ignorancia: e se ainda restão
 24 Vestigios da feroz Barbaridade,
 23 O tempo os vai tragando: assim as folhas
 22 Murchas, e áridas cahem pouco, a pouco
 21 Dos proprios ramos nas regiões d'Europa,
 20 Quando pezado, e triste o frio Inverno
 19 Sobre o carro de gello açouta as Ursas,
 18 E fere as nuvens com aguda lança.
 17 Chegão por vós aos mais remotos climas
 16 Premiadas as Artes: eu as vejo,
 15 Eu as ouço, que juntas neste dia
 14 Entre os transportes de prazer entoão
 13 Ao vosso amavel nome eternos hymnos.
 12 Elles voão, levando ao Ceo sereno
 11 Nas brancas azas os mais ternos votos
 10 De respeito e de amor, que vos consagra
 9 Rude, mais grato Povo Americano.
 8 " Já destes votos nasce, e se derrama,
 7 Como a neve dos Alpes, a torrente
 6 Da vossa gloria, que de dia em dia
 5 Igual ao Vosso nome se levanta;
 4 E os ultimos vindouros assombrados
 3 Inda a verão crescer no amor dos Povos.
 2 " E tu, que triste, e pensativo observas
 1 Este de Gloria eterno monumento,
 Oh fero tragador dos bronzes duros,
 Arroja o curvo ensanguentado ferro,

„ E confundido, e temerozo adora,
 „ Aos pés do Regio Throno Lusitano,
 „ Da Rainha Immortal o Nome Augusto.

M. J. S. A.

Cancão inedita de Bocage a Luiz de Vasconcellos e Souza, então Vice-Rei deste Estado.

MUza, tu, que até agora ao som do vento,
 Ao som dos crespos, inquietos mares
 Soltaste hum vão lamento,
 De mil queixumes povoaste os ares,
 He tempo já: consola-te, respira;
 E dignos versos ao teu Vate inspira.

Não vão cantar de corações guerreiros
 Impias façanhas, barbaras victorias,
 Os Heroes verdadeiros
 Não são esses, que adquirem torpes glorias,
 Bebendo o sangue dos mortaes afflictos
 Na guerra atroz, nos barbaros conflictos.

Pacifico Varão dos Ceos mimozo,
 Alma das almas exemplar brilhante,
 Hum coração piedozo,
 Hum grato gesto, hum placido semblante,
 Digno de amor, de submissão, de affecto,
 Vai ser de meu louvor sublime objecto.

Sim, Vasconcellos, o teu nome egregio;
 Que o mundo incensa, que a verdade aclama,
 Que ao pé do Solio regio
 Conduz mil vezes a volatil fama,
 Na minha ingenua voz farei que soe,
 Que toque o proprio Ceo, que aos Astro vêe.

Se de teus immortaes antepassados
 Tu não foras, Senhor, fiel transumpto,
 Se á teus lustres berlados
 Hum genio sup'rior não vira junto,
 Não te cantara: o sangue sem virtude
 He vão fantasma, que aos mortaes illude.

Grande te fez a prospera fortuna,
 Grande te fez a sabia natureza;
 Mas querem que se una
 Em ti alta virtude, alta nobreza;
 E aos duplicados dons, que em ti divizo,
 Duplicado louvor será precizo.

Não só da Fama nos patricios lares
 Ouvi contente resoar teus vivas;
 Nestes mesmos lugares,
 Com palavras de jubilo excessivas
 Te ouço cantar por bocas, que não fingem,
 Por almas lizas, que o meu lado cingem.

Da recta gratidão ternos indícios
 Mostrão nos olhos, coração, nas frentes;
 E aos claros Ceos propícios
 Mandão votos puríssimos, e ardentes,
 Mandão vozes de amor, e de lealdade
 Pela tua cabal felicidade.

Eu, dos braços paternos arrancado,
 E pela furia dos soberbos mares
 Sacodido, arrojado,
 A remotos incognitos lugares,
 Onde talvez, que me aparelhe a Sorte,
 Depois de infausta vida, infausta morte:

Eu finalmente com respeito interno,
 Meus fracos olhos nos teus olhos pondo,
 Teu amavel Governo,
 Tua justiça, teus costumes sondo,
 E digo então, Senhor, só tu podias
 Tornar alegres os meus tristes dias.

Só tu, digno de Estatuas de alabastro,
 Digno de bronze, que os Heroes distingue,
 Melhoraras meu Astro,
 Astro infeliz; que o meu socego extingue,
 E poderás soltar minha alma preza
 Entre as sombras da livida tristeza.

Abatidos mortaes erguer da terra
 Tornar ditozos, consolar aquelles,
 A quem a sorte faz cruenta guerra,
 Ser pai, ser protector, e abrigo delles,
 He virtude immortal, gloria perfeita,
 A quieto do Tempo a fera mão respeita.

Se de Tito a lembrança inda hoje dura,
 Se o mundo o conta, se lhe erigem templo
 A saudade, a ternura,
 He porque foi da probidade exemplo;
 He porque elle julgou perdido o dia,
 Em que algum beneficio não fazia.

Se do Magno Alexandre os sabios fallão,
 Não he, não he, Senhor, porque os seus braços
 Altos muros alçarão;
 He só porque tirou de indignos laços,
 E dentre as garras de hum destino impio
 A regia prole do infeliz Dario.

Se a Mantuana sonoroza Lira
 Ao profugo Troiano eleva tanto,
 Não he porque elle inspira
 Aos Gregos susto, aos Rutulos espanto;
 He porque dentre mortes, a de assombros
 O já curvado pai salvou nos hombros.

Viver debaixo de teu jugo brando,
Sentir as Leis de teu poder suave,
Teus méritos alcanço
Ao Palacio de Jove em metro grave,
Oh! que ventura, que benigna estrella!
Se o pensa-la he prazer, que fora o te-la?

Surdo o Fado a meus ais, ás minhas magoas,
Deste ameno Paiz me quer distante;
Manda que eu busque as agoas
Onde se banha o valido Gigante,
Irmão dos impios, que gerara a terra,
Que ao Rei dos Deozes declararão guerra.

Mas inda lá nesses lugares broncos,
De mízeros mortaes mízera azilo,
Sobre duraveis troncos
Teu nome escreverei em terno estilo;
Mostrando, que não he lisonja infame
Quem move a minha lingua a que te aclame

Oh ditozo Brazil, Provincia bella,
Que vês na mão do Heroe, que te domina
Toda a força daquella,

A que o rapido Tejo a fronte inclina,
Vem de novo com fervidos louvores,
Vem alentar meus tremulos clamores.

Vem... mas basta Canção: que mais pertendes?
Onde vais arrojar-te? ah! não prosigas;
De huns dons, que mal comprehendes,
Que poderás dizer por mais que digas?
Não és capaz do assumpto, que proclamas;
Só pertence aos Camoens fallar dos Gamas.

*Soneto do Desembargador Antonio Ribeiro dos
Santos, ao Illustrissimo Francisco de
Borja Garção Stockler.*

Tomando o facho da razão por guia,
Por não trilhadas rotas indireitas,
E a teu sublime calculo sigeitas,
Quanto em seu scio a natureza cria.

Segues firme a verdade que allumia,
O engano, o erro, o prejuizo enjeitas
E as trevas huma e outra vez desfeitas,
Fazes sempre raiar o claro dia.

Quem não dirá que o Ceo quando nasceste,
Por honra nossa á Lizia só mandado,
Te deu esse alto genio, dom celeste?

Cumpre pois teu destino e ledo fado,
Parte com nosco os ricos bens, que houveste,
E torna o Luso Imperio affortunado.

O Retrato de Armia.

A Minha penna grosseira
Vai tomar sublime empreza,
Vai traçar em rude quadro
Da minha Armia a belleza.

Empreste-me as finas cores
De Gnido e Paphos o Nume:
Não lhe embarace o soccorro
Da minha sorte o ciume.

Cabellos da côr da noite,
Tu, lascivo ar, menêas,
Cabellos, de que amor tece
Aos meus pulsos as cadêas.

O manto que a Aurora espalha
No Celeste firmamento,
Aos olhos da minha Armia,
Furta a côr, e o luzimento.

Não he bella a mesma Aurora,
Estrella não ha brilhante,
Como os olhos luminosos
Da minha divina amante.

Não só brilhão, mas accendem
No meu peito eterna chamma:
Ninguem os vê sem ternura;
E como os verá quem ama?

Entre os jasmims, que revestem
As suas faces mimozas,
Os seus primores ostentão
Pudibundas frescas rosas.

Sob os rubins finas perolas
Escondeu a Natureza:
Hum riso doce e faguairo
Descobre tanta riqueza.

O collo bello e mimoso
O fino alabastro excede;
Delle pende amor travesso:
As settas dalli despede.

Pullão no seio divino
Dois globos de neve pura,
Que dão vida, que dão morte;
É o morrer he mor ventura.

Toca-los... ó Céu! quem pôde!
Sem sentir o sangue ardente!
Quem feliz chega a beija-los
É morrer-se... ó Deus?... não sente!

Pára já, penna atrevida:
Não mais o meu bem retrates.
Pôde ser que ao grato amante
Em crucis dezejos mates.

Deixa ao Vate afortunado
Disfructar sua ventura . . .
Elle goza o que não pintas,
D' Armia goza a ternura.

Realça a sua belleza
Este verniz engraçado.
No peito d' Elmano vive
Belleza, ternura, agrado.

Elmano Bahiense.

CULTURA DO CAFÉ

Segunda Parte.

Nenhuma planta promete e convida mais á ser cultivada do que o Cafezeiro; tudo são vantagens ao principio, a facilidade da cultura, seus rapidos progressos, atrahem; mas chega o momento da colheita, e muitas vezes tantas promessas se malogrão, e ao Lavrador inexperiente acontece o mesmo que ao Mercador de Vidros das Mil e humas Noites: mas o Lavrador intelligente e sabido se não ilude com as apparencias; sabendo que sem trabalho nada se faz bem, estuda a exposição, examina o terreno, e presta á sua plantação os cuidados, que a boa cultura exige.

O Café vem em todo o terreno humo vez que as raizes o possam penetrar, e encontrem alguma humidade; mas aquelle que quizer tirar proveito da sua plantação, não se guie pela generalidade, e ponha atenção na escolha da terra: aquella, em que os agoas se demorão estagnadas, não lhe convém, nem as abandonadas ha pouco pelo mar, estas secando-se com facilidade pelo sol, e inchando vedão todas as passagens á agoa, e pela mesma razão as terras argilosas não convém: as terras vermelhas, e saibrosas porém lhes quadraõ nos sitios regados pelas chuvas, e em geral o Café gosta de terra solta, e pedregosa.

sa nos lugares expostos ao calor; quadra-lhe muito o terreno roteado de fresco, e todavia sendo entre nós a camada de terra vegetal mui rica, deve-se o Lavrador preparar para ver o seu Cafezal com muito viço não dar boa colheita senão depois de tres annos de plantado; e por isso, e para tirar partido da terra, plantem-se com o Café outras plantas uteis.

Em S. Domingos costumavão plantar o Café nos montes, vinha bem, mas a experiencia mostrou que não produzia bem além da terceira colheita, porque sendo a terra levada pelas enxorradas se empobrecia, e as lavras e limpas, tão necessarias, facilitavão a queda da terra; em geral não plantavão no cume dos montes, antes os deixavão coroados d'arvores para abrigo da plantação, e a experiencia ensinou que convinha abrigar mais e segurar a terra, acompanhando a plantação com alas de arvores, que a seguissem descendo os montes, para o que ao roçar das matas deixavão as arvores, que se prestavão a essa disposição.

Na Ilha de Bourbon sendo o terreno mais elevado do nivel do mar, o Café produz excellentemente nos baixos, e nestes as limpas e lavras podendo ser mais frequentes, melhor trato pôde dar-se ao Cafezal. Nas terras baixas; deve-se tambem abrigar a plantação com alas d'arvores, que a rodeão, e haver cuidado em desbasta-las á medida, que derem

muita sombra. Mr. Lescallier (1) tratando de cultura em questão na Guyanna, depois de ensinar a esgotar o terreno, aconselha que se lhe plantem bananeiras, e que se conservem sómente por espaço de tres annos, e convém em que se plante com o Café, milho, mandioca &c., mas de modo algum as batatas, como querem outros.

Muitos plantão o Café em roçados parciaes feitos por entre as matas; he verdade que vem com promptidão e bem, mas essas vantagens são iluzorias, o producto he menor e peor, pois que o Café se aprás ao sol e ao ar livre, sem o que dá fructo mesquinho.

Em terra velha, e sem ser amanhada, he perdida a plantação, e nada se deve esperar além de duas colheitas. Esta asserção he contra o que pertende o Padre Labat, mas elle escreveu quando se principiava a cultivar esta planta, e fallou por tanto sem ouvir antes a experiencia. Igual falta de experiencia mostra Mr. Barté, quando pertende que a temperatura necessaria ao Café, para o terreno mais frio he 10° abaixo de zero, e 22° acima para o mais quente, não attendendo a que o thermometro sobe á mais em Cayenna, Java, Rio de Janeiro &c., onde se obtem muito Café:

c

(1) Noções sobre a cultura das terras baixas da Guyanna.

tudo isto prova quanto he arriscado generalizar, tratando de Agricultura.

Para as plantaçoens costuma-se tirar a planta dos pés de Café, que nascem por baixo dos outras, e das sementes que cahem: estas plantas criadas á sombra, quando são expostas ao sol, resistem-lhe com difficuldade, languescem por muito tempo, e grande numero morre, cauçando ao Lavrador o trabalho de replantar muitas vezes. O meio de obter boa planta he escolher boa semente, bem madura e fresca (1), e em terra bem limpa, lavrada, e bem amanhada, semear na distancia de 6 polegadas e em quincunce, tendo de mais o cuidado de rega-las: nos paizes quentes, onde o sol nasce com grande calor, as regas devem ser á tarde; os Arabes nas vizinhanças de Moka dirigem huma vêa de agoa corrente serpeando pelo pé dos Cafezeiros: assim se forma hum viveiro de plantas valentes, e que transplantadas vem excellentemente. O melhor tempo para esta sementeira he a Primavera, porque quando chegão os ardores do Estio, já a planta tem força para resistir-lhe. A conselhando as regas, não quero dizer que o viveiro esteja sempre unido, seria hum grave erro, pois que os Cafezeiros ficariao fracos

(1) Pertence Mr. de Cossigny que se tira a póipa á semente, e se deponha em cinza antes de ser semead.

e incapazes de suportar a transplantação. Deve-se fazer, ou repetir a sementeira todos os annos, porque todos os annos he mister reparar algumas perdas cauçadas pelas secas, bichos, furacoens, &c.

Para o bom exito da plantação convém alinhá-la, marcando com estacas os lugares das covas, e em cada huma depôr varias sementes; ter toda a attenção nas lavras e limpas repetidas; deixar só em cada cova o pé mais vigoroso, e arrancar os outros; operação, que se faz, quando as plantas tem 12 á 15 polegadas d'alto.

Limpe-se bem a terra antes de ser plantada, abráo-se as covas algum tempo antes da plantação sem de que, recebendo as agoas da chuva e mais beneficios da atmosfera, se conserve a humidade, e dê tempo á planta para que pegue bem; cubra-se, pela mesma razão, a raiz com terra humedeada: arranque-se as plantinhas com summo cuidado, levando cada huma as raizes com a sua terra. Esta precaução assegura o bom exito da plantação, e com ella menos cuidado nos deve merecer a estação, o que não succede quando se arranca a plantinha, sem que as raizes venhão com a terra. No arrancar he quasi certo quebrar-se a ponta da raiz-mestra, a qual se he bom conservar, quando o terreno he rico, e profundo, melhor he cortar, quando a camada de boa terra he pouco espessa, e se

segue tofus ou pedra, pois que não podendo profundar, a planta languece: cortando-se apressa-se o crescimento das raizes lateraes, que, estendendo-se pela boa terra, vai buscar o nutrimento necessario á vegetação, assim antes corta-la do que enterra-la quebrada ou lascarada; a ponta da raiz mestra huma vez cortada ou quebrada não cresce mais, segundo diz Duhamel, e o confirma a experiencia.

O mais essencial na transplantação he arrancar a planta com o maior numero possível de raizes, o que he facil, pois que devendo ser depois de chuva, a terra se acha então mole.

Arrancadas as plantas arranjão-se em cesto largo com huma camada de terra no fundo, põe-se as plantas sobre esta encostando-as ás bordas do cesto; assim dispostas lança-se terra fresca sobre as raizes, por cima desta camada arranja-se outra ordem de plantas &c, cobre-se o todo de folhas de bananeiras: leva-se neste estado para o sitio da plantação; vão-se depondo as plantas nas covas, enchem-se estas de terra, acama-se de leve, e tem-se antes o cuidado de estender bem as radiculas, e a terra assim disposta conserva a humidade; e bom será chegar algumas pedras para junto das plantas, sem que todavia as toquem; e fincar alguns ramos ao pé para abriga-los do sol.

Alguns formão a plantação em triangulos para economizar terreno, mas acho que a me-

hor forma para o cafezal he o de paralelogramo alongado, offerecendo as duas maiores faces ao Nacente e ao Poente, e cerca-lo todo de arvores, que o abriguem; traçar de 150 a 150 toezas ruas direitas e largas, que correm o paralelogramo, orna-las de arvores, e de preferencia fructíferas; no meio huma rua, que o divida ao longo. Hum Cafezal bem disposto he talvez o mais lindo quadro que a agricultura offerece, a brancura brilhante das flores, o encarnado dos fructos, contrastando com o verde das folhas, apresentão o mais agradável matiz, o que mais realça o aroma, que das flores se derrama.

Quanto á distancia de pé á pé, pertendem os que plantão mui basto na distancia de 4 palmos, que conservão a frescura da terra, e diminuem as limpas, opondo-se a sombra ao crescimento das hervas, pretendendo de mais que ha maior abundancia de fructos, o que he verdade, mas só até a primeira colheita, porém crescendo mais as arvores, emaranhão-se os ramos, e privando-se mutuamente dos influxos atmosphericos produzem muito menos, e as vezes só a haste produz. Estou que a distancia deve variar segundo a qualidade de terra, sendo tanto maior quanto maior for a fertilidade do terreno, e que se dê menor distancia de planta á planta em cada linha, e maior de linha á linha: que a distancia em cazo algum seja menor, do que de seis a seis

pés, e nem maior do que 12. Verdade he que a cultura, assim disposto o Cafezal, custa mais, porém mais balanção com essa difficuldade as vantagens, que se obtem, pois que as arvores são mais formozas, e produzem o quadruplo; sendo as alas mais espaçozas, menos se molhão os trabalhadores com o orvalho, e em fim pode-se tirar mais viveres do terreno durante os tres primeiros annos &c. He certo que alguns não admittem que se plante coiza alguma entre os Cafezeiros, senão quando a terra for muito boa, mas vejo que não ha razão para deixar de aproveitar huma terra, que se não for occupada por plantas uteis, o será por inúteis, e que de mais augmentarão o trabalho das limpas.

A profundidade das covas seja 6 á 7 polegadas, e lugares ha em que devem ser menos profundas, segundo a espessura da camada de boa terra que comprir ao solo, pois que (como anunciamos) tocando as raizes o mão fundo, estranhão a transplantação; de mais sendo mais profunda, mais tempo conserva a agoa das chuvas quando estas são mais frequentes, e as raizes apodrecendo, a planta morre. He porém do interesse do lavrador o escolher tempo chuvoso para a plantação, mas não se escolha justamente o dia em que chova muito, pois que não convém transplantar, quando a terra está reduzida a lama, por isso que vindo a secar damnifica as raizes.

He pratica recebida o decotar-se o Cafezeiro, e só varião na altura em que o decepação: em S. Domingos he na de 3 pés, em Bourbon e Ilha de França na de 5 a 6, outros decepão na de 2 $\frac{1}{2}$ nas más terras, e na de 4 ou 5 nas boas: na Terra Firme na de 4 &c., outras porém deixão subir a 24 ou 25 pés; altura que lue a Natureza assignou.

Quando paramos o crescimento de huma planta, devemos tratar de que ella não sofra no constrangimento, a que a obrigamos, e de tirar partido da nossa operação; assim não he só bastante o decepa-la; com esta operação ella se torna mais ramoza, e folhuda, cumpre desbasta-la, e a fórma, que mais convém dar-lhe, he a de cone truncado, ou pño de assucar, e para o decote deve-se escolher o tempo em que há menos seiva, como são os mezes de Maio, Junho &c. Vemos d'aqui quantas incisoens fazemos ás arvores, e que estas expostas ao ar, á chuva, á secca, podem ser atacadas da caria, e atrophia, se não houver o cuidado de tapar, ou barrar as feridas com alguma pasta ou maça, lama &c., he este o risco, e não o de criar piolhos, e outros insectos, como pertende Mr. Barré.

As arvores assim tratadas produzem mais e melhor fructo; a colheita he mais facil, menos expostas ficão aos damnos dos furacoens, tanto pela sua altura, como pela fortaleza; que os ramos adquirem, a qual tambem as livra

de facilmente quebrar com o pezo dos fructos: em fim nos lugares, onde as chuvas abundão, e a terra he mui rica, o decote he util até como sangria, pois que não he raro ver morrer huma arvore pelo excesso de seiva: todos sabem que o açoitár as arvores, em demaio viçoças, he para que desfolhando-se frutifiquem melhor.

Com a transplatação e decote não estão acabados os cuidados, que o Cafezeiro pede: he muito necessario trazer o terreno limpo, mormente ao pé da planta, e até ao segundo anno: o uzo mais geral he servir-se da enxada, porém ha o risco de offender a planta e suas raizes, e nos montes além d'esse, ha o de soltar mais a terra, e em consequencia facilita-la mais a ser levada pelas enxorradás. A melhor das limpas he á mão, quando he praticavel, como succede em quanto a herva está pequena; a limpa á mão he tambem mais economica, o chão fica mais bem expurgado da herva, e pede menos limpas.

Livrar-se-hão igualmente as arvores dos ramos ladroens, e toda a vez que se encontrar pão morto, ramos secos, quebrados, ou lascados, cortem-se ao vivo, e cubrão-se as feridas com terra molhada.

Desde que as folhas do Cafezeiro amarellecem, he sinal que elle se acha doente, então cave-se a terra ao pé da planta, examinem-se as raizes, e se estiverem tocadas do bixo,

tire-se a terra que as cerca, e substitua-se outra misturada com cinza, e calque-se. Desbastem-se alguns ramos em proporção á perda das raizes, que houve; e não estando humida a terra, que se empregou, regue-se. Se a planta assim tratada não restabelecer, seja decepada o mais rente possível da terra, rebentará varios renovos, dos quaes se escolherá e conservará o mais forte, cortando-se os outros com alguns dias de intervalo entre o corte de cada hum delles. Se a planta morrer, escave-se o sitio, lance-se a terra para longe, deixando-se a cova exposta a chuva, ao sol &c. por algum tempo.

Quando se encontrão piolhos nos ramos, folhas &c. da arvore; ha toda a apparencia de que tambem os ha nas raizes, e o remedio he excavar ao pé da planta, e lançar-lhe cinza em abundancia, esfregarem-se as raizes com lama, e decotar, como dicemos.

Os Cafezeiros cobrem-se ás vezes de huma especie de ferrugem negra; que julgo ser extravazão de seiva; e este mal persegue mais as arvores velhas do que as novas: os mesmos remedios acima annunciados são applicaveis neste caso.

Quando os furacoens derrubão as arvores, não nos contentemos, como nas Mauricias e outros paizes, com calçar de pedra os pés derrubados, ou, como fazem outros, que os deixão cahidos rebentar em novos ramos tortuosos,

mas levantemo-las, e calcemo-las logo depois da queda, pois que assim ajudadas em breve estão no antigo estado; he escuzado recomendar que se substitua logo nova planta á que morrer, para o que he de suma utilidade o viveiro bem provido.

Quando o Cafezal está velho he mister decepar as arvores rente com o chão, lavar, e estrumar; por este meio se remoça, e pôde produzir 15 e mais annos, além dos que já tinha, mas passados estes, renove-se a plantação. O trabalho de decepar he menor do que o de plantar, a planta decepada produz ao cabo de 2 annos, e a replantada só ao cabo de 4, razoes porque aconselho que se não replante logo, e que aproveitem as plantas velhas; á medida que a arvore envelhece, se a quantidade do fructo diminue, torna-se mais miúdo e mais estimado no commercio, vindo a qualidade a compensar a quantidade.

Em fim a experiencia tem mostrado que, adoptado este methodo de cultura, prolonga-se a duração do Cafezeiro, que, apesar do que diz Raynal, he de 25, até 40 e mais annos nas boas terras; no districto das Ferrieres Rouges de S. Domingos, ex. gr. Mr. Brulley diz ter visto em 1789 Cafezeiros que tinham sido plantados nos principios do seculo.

Muitos autores tem escrito acerca da cultura de Café, e, como em todas as mais materias, cada hum sustenta a sua opinião:

aquelle pois que quizer ver mais desenvolvidas algumas das idéas que eu enuncio, pôde ler além de outros os que cito (1); mas convém não tentar essa tarefa sem primeiro se armar dos principios necessarios para raciocinar com os livros, e não seguir as cegas o que elles dizem, de outro modo mui facil he enganar-se com perda de tempo, e prejuizo de bens, por isso que autores ha que facilmente publicão o que sem o cunho da experiencia só existe em suas vizoens, outros que, apesar de fallarem com a experiencia, variando as circumstancias em que se achavão, das em que nos achamos; servindo ella allí de farol, aqui pôde illudir; cumpre por tanto ler, mas com escrupulo, e nunca porém praticar o que colhemos da leitura, sem que com estudo do sitio, e mais particularidades do caso em que nos achamos possamos decidir se estamos na mesma circumstancia que elles, a fim de ver se os devemos seguir em tudo, ou que descontos he mister dar-lhes. Grande mestra he a Theoria, mas deve dar as mãos ás liçoens de Pratica.

(1) Le Breton — Ellie — Fuscé Aublet — Grainpré — Barré — Brulley — Lescalier — Voyage à la partie meridionale de la Terre — Ferme, Moyens d'ameillorer les colonies — Lettre à Mr. Le Monier par Cossigny &c. e outros citados na primeira parte desta Memoria.

HISTORIA.

Continuação das Memorias sobre o Rio de Janeiro, para servirem á Historia desta Cidade.

PAssados quatro annos tornárão os Francezes a senhorear-se da enseada do Rio de Janeiro, e sempre em boa harmonia com os Indios, continuárão com repetidas hostilidades a infestar os nossos portos, adiantando com efficacia o seu estabelecimento. Para evitar este damno, que de dia em dia tomava hum semblante mais serio, a Serenissima Senhora D. Catharina mandou apromptar, e bastecer amplamente dois Galioens, ordenando a Estacio de Sá, Sobrinho do Governador General do Estado, que com elles partisse sem demora para a Bahia, e por seu mando significasse a Mem. de Sá, que com todas as forças que podesse ajuntar naquella Cidade, o enviasse a expellir de novo os Francezes, e a povoar o Rio de Janeiro de gente Portugueza. O Tio, e o Sobrinho derão-se igualmente diligentes á execução destas ordens, e Estacio de Sá appareceu na barra do Rio de Janeiro com a sua Armada bastecida de ferro, e reforçada com alguns Navios, que na Bahia lhe fornecera seu Tio. Daqui expedio hum aviso para a Capitania de S. Vicente, e proseguio na exploração da Costa, á qual tendo mandado huma

lanha a tomar agoa, esta lhe trouxe hum Francez, que poderão haver ás mãos, do qual obteve as informaçoes, que carecia, sobre o estado actual das forças do inimigo.

Concluida a reconhecença da costa, endereçou Estacio de Sá para o Rio de Janeiro, e entrou neste porto em hum sabbado de alluvia no mez de Abril de 1666, fundiando cerca da Ilha de Villegagnon. Então conheceu a desproporção das nossas forças, e não querendo o prudente Capitão arriscar o credito de seu nome, e a gloria do Estado em huma empresa duvidosa, desferio para S. Vicente, aonde aportou em poucos dias. Aqui pertenderão dissuadi-lo de seus intentos; objectando-os pela comparação das vantagens, que lograva o inimigo bem fortificado, e munido de embarcações ligeiras, sobre fracas forças, e carencia de iguaes embarcações; porém estes inconvenientes bem capazes de desacordar a qualquer bravo menos esforçado, encontravão no coração valente de Estacio de Sá huma rija móla, tanto mais potente quanto mais comprimida; e desprezando todos os obstaculos resolveu-se a investir com o inimigo, guarnecendo a Armada de Portuguezes, e de Indios, que lhe vierão da Capitania do Espirito Santo, e dos que pôde ajuntar em Santos, e S. Vicente, cujos moradores concorrerão com os seus mantimentos necessarios.

Com estes soccorros entrou segunda vez

a barra do Rio de Janeiro, e tomando terra entre o Pão de Assucar, e o Morro de São João, para alli ordenou logo o desembarque da sua gente, e começou a intrincheirar-se, fundando neste sitio o primeiro arrayal ou povoação Portugueza, que depois veio a chamar-se Villa-Velha.

Poucos dias contavão os nossos de estada no seu estabelecimento, quando em 6 de Março de 1566 forão nelle acomettidos pelo inimigo, o qual encontrando huma resistencia, com que não contava, foi completamente rebatido, perdendo grande parte das canoas, em que viera, pela desconcertada fuga, a que foi obrigado. A 2 do mesmo mez alcançavão os nossos outra victoria, cahindo de improviso sobre o inimigo, que em cilada aguardava a passagem das nossas canoas e lanchas; e assim se hia passando o resto deste anno, quando Estacio de Sá se arrojou a hir acometter o inimigo a seu bordo, cuja ousadia lhe grangeou outra mais assinalada victoria. Depois desta acção, expedio o Commandante piquetes de aventureiros, os quaes dividindo-se por diversas aldeas, forão castigando severamente a infidelidade e a perfidia de seus moradores.

Os successos desta guerra forão varios no decurso deste anno, porém pela maior parte favoraveis á nossa causa, porque Estacio de Sá sempre á espreita das conjuncturas favoraveis, não deixava escapar ensejo de bater o inimigo.

Enleado na conclusão da importante empreza, sempre ivcansavel e embebido na porfiada lide, o valente Capitão se demorou em participar a seu Tio o estado dos negocios; e Mem de Sá cuidadoso e impaciente, não podendo conter os impulsos do seu detassacgado coração, voa ao Rio de Janeiro com as forças, que pôde ajuntar, acompanhado de algumas pessoas, que espontaneamente quereim hir em sua companhia, e surge neste porto a 18 de Janeiro de 1567, antevespera de S. Sebastião, a quem toma por Patrono da nova Cidade, e Tutelar da empreza, que vinha a terminar com a sua presença. Estacio de Sá e os seus o receberam com a mais cordial alegria; e informado o Governador Geral do estado, em que se achava a extirpação do inimigo em Uraguery, e não obstante a sua numerosa guarnição, e obstinada resistencia, favorecida pela vantagem desta posição, os nossos montarão a trincheira, e passaram á epada innumeravel Gento, e muitos Francezes, pompando sómente cinco, para serem depois victimas de hum castigo mais terrroso e exemplar. Tudo o mais cahio com esta Fortezza, e os nossos em perseguinto da victoria penetrarao o Continente, levando diante si tudo quanto se oppunha ao seu valor. As terras conquistadas forão-se repartindo por moradores capazes de as cultivar e defender, cuja presença bastou para conter e afugentar o

inimigo. Poucas vidas nos custou esta victoria; mas a fortuna, que sempre mistura as flores com os espinhos, dissipou huma grande parte da alegria dos Portuguezes pela sentida morte de Estacio de Sá, que veio a fallecer hum mez depois, de huma frechada que recebera no rosto durante o conflito; as virtudes deste insigne guerreiro lhe havião grangeado o amor universal, e a sua morte deixou a todos abismados em dor e saudade. Foi sepultado na Igreja, que elle mesmo fundara no arrayal da Villa-Velha, e em 1589 seu Primo Salvador Corrêa de Sá fez trasladar os seus ossos para a Igreja de S. Sebastião, onde se vê ainda a inscripção dedicada á sua memoria.

Mem de Sá vendo tudo já em socego, dispoz-se a lançar os fundamentos da nova Cidade, e fazendo abandonar o sitio da primeira povoação, veio estabelecer-se no lugar, em que hoje vemos a Casa da Misericordia, e nas suas immediações. Intitulou a Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, conservando-lhe o nome anterior do local, e dando-lhe o primeiro em memoria da victoria ganbada, e em honra do Soberano, que então occupava o Throno Portuguez. Tendo dado principio á fundação, dispoz a sua retirada para a Bahia, delegando os seus amplos poderes em seu Sobrinho Salvador Corrêa de Sá, em quem concorrião todos os requisitos necessarios para este emprego, e em Março de 1568

sahio do Rio de Janeiro, endireitando para as Villas e povoações do S., a fim de agradecer aos moradores o muito que havião concorrido com suas fazendas e pessoas para o bom exito desta guerra. Por toda a parte foi deixando indeleveis testemunhos do seu zelo infatigavel, nas sabias providencias todas tentadas directamente ao bem dos povos, e ao melhor serviço d'ElRey; até que finalmente se restituiu á saudosa Bahia, onde terminou com a virtuosa vida o seu longo e fadigoso governo de 14 annos, só a morte podendo atalhar a serie de seus triunfos, e de seus importantes serviços. Jazem as suas respeitaveis cinzas junto ao cruzeiro da Igreja dos Jesuitas, e a sua memoria perpetua-se nos corações virtuosos. Deixou descendencia no Brazil, a qual pelas inconstancias da fortuna apenas conserva o appellido de tão illustre progenitor.

Salvador Corrêa de Sá havia já adquirido grandes credits, distinguindo-se com luzimento nas passadas brigas; agora quando se desvelava na edificação e augmento da nova Cidade, foi novamente inquietado.

Surgirão em Cabo Frio quatro embarcações Francezas com o fim de carregarem de Pão-Brazil, e os Indios Goitacazes, que então occupavão toda esta Costa até Santa Catharina das Mós, e de quem pendião as utilidades de semelhantes negociações, resolverão facilmente os Commandantes a auxiliá-los cou-

era Martim Affonso de Souza, Indio valeroso, que sempre dera aos Portuguezes evidentes provas de huma fiel amizade, já na Capitania do Espirito Santo, já na conquista desta Provincia, merecendo que em premio de seus relevantes serviços se lhe conferissem muitas gratificaçoens, fazendo-o tambem Capitão Mór da aldeã de S. Lourenço, que elle mesmo creara, e cavalleiro da distincta ordem de Christo. Ainda então não havia Fortalezas, que vedassem a entrada da barra do Rio de Janeiro, e os navios Francezes entrarão a seu salvo, trazendo oito lanchas, e grande numero de canoas, com o destino de effectuarem hum desembarque, e prenderem aquelle Indio para o entregarem ao seu auxiliado. Salvador Corrêa não se demora em avisar a Martim Affonso, soccorrendo-o ao mesmo tempo com armamentos e gente; e temendo pela Cidade ainda impossibilitada de resistir a huma inopinada invasão, manda em continente pedir soccorros a Santos, e a S. Vicente; entre tanto que das fracas forças o seu zelo atilado e perspicaz tira recursos sempre encobertos aos genios mediocres.

Era quasi noite, quando o inimigo desembarcando em frente da aldeã de Martim Affonso se dispunha a passar huma noite tranquila, deixando a empreza para o dia immediato; mas não lho consente o activo e engenhoso Indio, o qual dá sobre elles d'improviso com

a sua gente, e com os nossos soldados, que poucas horas havia lhe chegarão, e os detrota completamente, matando muitos, e acoessando o resto, que em desordem corre a tomar as suas embarcações ligeiras para se salvar, deixando varios despojos. Os nossos continuárão a fazer fogo sobre elles, e sobre os navios com huma pequena peça, que haviam conduzido, e no dia seguinte o inimigo deixou livre a enseada, dirigindo-se a Parambuco, parecendo haver sómente vindo para dar occasião á gloria de Martim Affonso.

Poucos dias depois chegarão os soccorros de Santos, e de S. Vicente, e com magoa virão fugida a occasião de assinalarem o seu valor; mas, a fim de não perderem de todos os passos, se resolvêrão a hir hostilizar o rebelde gentio de Cabo Frio; cujo impulso o Governador muito louvou. Chegando a este porto, achárão alli fundeada huma embarcação Franceza, cartegada de varias mercadorias; e como as forças, que levavão, não podião contrastar as do inimigo, voltarão logo a participar ao Governador o que lhes havia acontecido. Salvador Corrêa, que muito estimava as occasiões de exercitar o seu valor, fez-se logo prestes com hum sufficiente numero de soldados bem armados, de Indios, e de canoas, e partiu para Cabo Frio, caminhando com grande socego e cautela; e havendo chegado, dispoz tudo para dar o assalto na madru-

gada seguinte. A' hora determinada abalroou com a embarcação por hum e outro bordo ; mas os Francezes defendendo-se valorosamente, tres vezes rechazarão os nossos, que mais se affincavão na briga com a pertinaz resistencia, até que finalmente morrendo o Capitão Francez de huma frechada, os Portuguezes conseguirão montar o navio, e senhorear-se delle. Durante a porfiada contenda, tres vezes foi ao mar o intrepido e ousado Salvador Corrêa, e outras tantas o salvarão os Indios da sua canôa. Concluida esta acção de tanto empenho, retirou-se o Governador na mesma embarcação Franceza para o Rio de Janeiro, onde generosamente deo o saque della aos que o acompanharão, reservando sómente para si a gloria do triumpho. Applicou os petrechos e muniçoens de guerra para a defeza da nova Cidade; e não ha muitos annos que na Fortaleza de Santa Cruz ainda se conservavão algumas das peças daquella tomada.

O zeloso Governador não descansou no augmento da nova Cidade, acudindo com as diminutas posses ás obras de maior urgencia, tendo sempre em mira a felicidade dos povos, e o engrandecimento do Estado; até que por ordem de S. Magestade o Senhor Rey D. Sebastião, entregou o Governo a Christovão de Barros. Este seguiu os passos de seu antecessor, e ainda governava em 1573, porque neste anno concedeo elle a Manoel de Brito

a sesmaria do terreno, em que hoje existe o Mosteiro de S. Bento.

A Christovão de Barros succedeo Antonio Salema (Dezembargador que se achava com alicada em Paranaíba), com o titulo de Governador Geral do Sul, porque em 1574 dividio S. Magestade em dois o Governo Geral do Brazil, residindo hum na Bahia, e outro no Rio de Janeiro. Salema ainda governava em 1577.

Tornando S. M. a reconcentrar o Governo Geral nas mãos dos Governadores da Bahia, nomeou em 1577 para Capitão Mór e Governador do Rio de Janeiro a Salvador Corrêa de Sá. Em 1583 se lavrou nesta Cidade hum Auto de avença, que elle como Governador, e Provedor da Fazenda Real fez com João Gutierrez Valerio, obrigando-se este a pagar certa quantia por cada escravo, que de Africa conduzisse no seu navio. Este Governo ainda durava em Outubro de 1589, em que chegaram a esta Cidade os Fundadores do Mosteiro de Benedictinos, que nella existe; mas não consta precisamente o anno, em que Salvador Corrêa de Sá dimitio a Capitania, julga-se porém que a entregou a Francisco de Mendonça por varias razões que occorrerão.

Francisco de Mendonça ainda governava em Outubro de 1598, quando o Governador Geral do Estado D. Francisco de Souza veio a estas partes do Sul a promover o descobrimento das Minas.

A Francisco de Mendonça seguiu-se Martim de Sá, que ainda governava em Fevereiro de 1605, porque a 24 deste mez propozão os Camaristas de S. Vicente ao povo hum requerimento do Ouvidor daquellas Capitania de S. Vicente e de Santo Amaro, Antonio Pedrozo, no qual pedia este Ministro que houvessem de ajudar ao Capitão Mór das mesmas Capitania Pedro Vaz de Barros, no caso de elle querer hir com gente impedir por meios brandos e pacificos o resgate, que lhe constava haver Martim de Sá mandado fazer com tres navios em partes daquellas Capitania, por isso que este procedimento violando a jurisdicção alheia, era subversivo da boa ordem estabelecida, que devia manter-se religiosamente, e porque aquelle Governador nenhum caso fizera da representação, que sobre este objecto lhe dirigira Pedro Vaz de Barros.

A Martim de Sá succedeu Alfonso de Albuquerque. Foi este Governador quem lançou a primeira pedra para a fundação do Convento de Santo Antonio em 4 de Junho de 1608. Em 7 de Junho de 1611 concedeu aos Monges de S. Bento huma data de terras em Iguaçu, e parece que em 1614 ainda governava.

Affonso de Albuquerque foi seguido por Constantino de Menelau, o qual por ordem do Governador Geral do Estado Gaspar de Souza, passou em 1615 a Cabo Frio com alguns Portuguezes, e 400 Indios da aldeã da

Sapetiba, que hoje existe em Taguaib, a fim de expulsar daquelle porto cinco embarcações Hollandezas, que alli se achavão negociando com os Indios Goitacazes a troco de Pão Brazil. Constantino de Menelau, havendo feito retirar aquellas embarcações, mandou demolir hum pequeno Forte com artilheria encarrretada, que defendia a barra da parte do Norte, do qual ainda hoje se descobrem alguns vestígios, e huma casa de abobada, tudo de pedra e cal, e construido pelos Francezes em outro tempo; e em Novembro do mesmo anno creou aquella povoação, que tomou o título de Cidade, concedido a todas as que se estabelecão no tempo dos Philippes: até então a casa de abobada era o característico deste lugar, que se dominava a casa de Pedra. Por voto dos que o acompanhão nesta empreza, mandou entulhar a barra com as demolições destas obras, sem reedificr no futuro, que para o futuro viria a sentir-se de semelhante conducta, e nomeando a Estevão Gomes por Capitão Mór e Governador da nova povoação, voltou para o Rio de Janeiro.

Em 3 de Julho de 1616 nomeou Philippe III. em Lisboa a Rui Vaz Pinto para governar o Rio de Janeiro, o qual tomou posse nesta Cidade a 19 de Junho de 1617. Succedeu-lhe Francisco Fajardo, o qual se aposentou do Governo em 20 de Junho de 1620.

Em 11 de Junho de 1623 tornou a go-

veinar Martim de Sá ; e por outra Provisão de 27 de Junho de 1626 mandou S. M. que continuasse no Governo. Em 1630 ainda governava, porque neste anno fundou elle a aldeã de S. Pedro em Cabo Frio.

Rodrigo de Miranda Henriques foi provido no Governo do Rio de Janeiro pelo Governador Geral do Estado Diogo Luiz de Oliveira, e tomou posse em 13 de Junho de 1633.

Sucedeo a Miranda, Salvador Correa de Sá e Benevides, o qual tomou posse a 3 de Abril de 1637. Em 15 de Agosto de 1641 confirmou o Senhor Rei D. João IV a Patente deste Governador, na qual Philippe IV ordenava que além dos primeiros tres annos governasse ainda outros tres; no caso de proceder como devia. O mesmo Senhor D. João IV o fez independente do Governador Geral do Estado, conferindo-lhe ao mesmo tempo jurisdição sobre as outras Capitãncias do Sul, cuja Mercê foi depois revogada por S. M. Ausentando-se a visitar as Minas, por ser Administrador Geral de todas ellas, ficou interinamente governando seu Tio Duarte Correa Vasquianes, que tomou posse em 19 de Março de 1642.

Seguia-se Luiz Barbalho Bezerra, que governava em Outubro de 1643. Não acabou os tres annos, em que fora provido, por falecer em 15 de Abril de 1642. Seu filho Agostinho Barbalho foi feito Administrador Geral

das Minas em attenção aos serviços de seu Pai.

A Luiz Barbalho Bezerra succedeu Francisco de Souto Maior. Tomou posse do Governo a 7 de Maio de 1644; mas governou pouco tempo por ser mandado ao Reino de Angola a fundar hum Presídio em Quicombo, depois que os Hollandezes se apoderarão cavilosamente da Cidade de Leanda.

Em 21 de Dezembro de 1644 nomeou S. M. para o Governo do Rio de Janeiro a Duarte Correa Vasquianes, o qual tomou posse em 22 de Março de 1645.

Salvador Correa de Sá e Benevides sahio de Lisboa com o cargo de Governador desta Cidade, e Capitão General do Reino de Angola; e chegou ao Rio de Janeiro em Janeiro de 1648. Partio para Angola a 12 de Maio do mesmo anno, e ficou governando aquelle Reino, que havia libertado do poder dos Hollandezes, em cuja ardua empreza se houve com grande sciencia e valor.

Recahio o Governo do Rio de Janeiro em Duarte Correa Vasquianes, no mesmo dia em que seu Sobrinho desferiu deste porto. Faleceu em 23 de Maio de 1650, depois de haver feito grandes serviços ao Estado. Jaz na Igreja dos Jezuitas.

NAVEGAÇÃO.

*Reflexões sobre as derrotas de estima,
e suas correções.*

Non gloria nobis

Causa, sed utilitas . . .

Ovid.

HAvendo sido muitas vezes empregado no ensino da navegação, e apurado os pequenos conhecimentos, que me permitia meu acanhado talento, em algumas viagens, huma das quaes meramente emprehendida em Serviço de S. A. R. em huma estação a mais cruel, foi huma excellente escola de quanto pôdem os conhecimentos contra huma cega e rotineira pratica; sendo muitas vezes testemunha do embarço, que a atmosphera offerece á observação dos astros, este faixo brilhante, que ensina o navegante a abandonar as costas, e a engolfar-se no intratavel Oceano; eu julguei que a derrota de estima, que nos accompanha fielmente a pesar das tormentas mais rigorosas, e quando mesmo o Céu está fechado para nós, merecia ser o objecto da mais sizuda attenção, e devíamos voltar a ella os nossos maiores desvellos. Eu passei por tanto a examinar os seus elementos, e de serias reflexões deduzi as seguintes advertencias, que talvez não serão inúteis a quem trilhar a immensa estrada das ondas.

Eu dividirei os elementos da derrota em distancia e rumo; e cada hum destes objectos me occupará separadamente.

Distancia.

A distancia, ou o arco do circulo maximo descrito sobre a superficie das agoas, se a derrota he directa, ou de Loxodromia, se he obliqua, he medida por hum instrumento muito simples e muito engenboso, que tem o nome de barquinha. E porque para avaliar qualquer espaço percorrido, he necessario attender ao tempo, nasceu daqui a necessidade de empregar hum instrumento, que servisse á medida do tempo; e a ampulheta satisfez á este objecto. Aqui temos pois sujeitos ao nosso exame a barquinha e a ampulheta.

Da barquinha.

Todos conhecem a barquinha, e por isso he escusada a sua descripção. Todavia cumpre notar que ha grande differença entre o sector de madeira, que fôrma o corpo da barquinha, e o cordel que serve para medir o espaço. Os Hespanhoes dão ao sector o nome de *barquilla*, e ao todo do instrumento o de *corredera*. Quanto ao primeiro, deve reflectir-se que elle he destinado a formar hum ponto fixo na superficie das agoas, do qual se co-

meção a contar os nós, ou divisões do cordel; o que não se pôde conseguir exactamente, porque este sector participa do movimento do navio, do fluxo do mar, e da agitação do vento. A estas circumstancias se tem obviado em parte, 1.^o dando ao cordel, antes que comecem as divisões, hum comprimento igual ao do navio, a fim de salvar desta sorte o seu rebojo, o que não sei que motivo physico possa ter; pois estou persuadido que a agoa, não sendo hum fluido perfeitamente elastico, gasta menos tempo em mudar de estado do que em restituir-se a elle, seguindo-se daqui que o fluido deslocado em quanto o navio corre hum espaço igual ao seu comprimento, não se restitue á sua primeira posição, e por tanto ainda tem acção além de hum distancia do navio igual ao seu comprimento. E como nenhum inconveniente ha em que o ponto fixo comece mais longe, eu lembraria dar-se de entrevallo dois comprimentos do navio em vez de hum só, e creio que nem a operação seria sensivelmente mais longa, nem a exactidão seria menor.

A acção do vento tendo effeito sómente á flor da agoa, ou nas primeiras camadas deste fluido, conviria que a barquinha mergulhasse mais, para que fosse mais fiel o seu testemunho. A barquinha de Bouguer, que se emprega nos lugares em que ha correntes, deveria empregar-se com preferencia á ordinaria

em todos os casos, e eu creio que só desta ligeira mudança resultariam grandes vantagens.

Porém a divisão do cordel he ainda mais interessante. Esta operação não he mais do que a proporção entre o tempo e o espaço. He huma lei de Mechanica, que os espaços são proporcionaes aos tempos, quando as velocidades são iguaes, e cumpre acrescentar quando os obstaculos, que se oppoem ao movimento, como a fricção, a inercia, a resistencia do meio &c., são constantes. Esta ultima condição requer que se supponha o mesmo estado da athmosfera, e do mar, e ao mesmo tempo que a intensidade do vento, o numero e disposição das velas, e a direcção do navio sejam constantes. Posto isto, he necessario dar ao comprimento do intervalo, que se conta por huma milha, a mesma relação com esta, que tem o tempo que dura a observação com a unidade de tempo. Ordinariamente se toma para o primeiro tempo 30^{''}, e para unidade huma hora. O que logo se offerece como mais digno de attenção he examinar o comprimento absoluto de huma milha; e este he o objecto, que me parece ter sido menos discutido, e ao qual prestarei agora algum desvelo.

Se a terra fosse esferica, todas as direcções da gravidade concorrerão no centro della, por consequencia todos os graos serão iguaes, porque serão medidas de angulos

iguaes, e este arco, quer tivesse os seus extremos proximos ao pólo, quer nas visinhanças do equador, teria sempre a mesma grandeza absoluta. Reciprocamente, se os graos medidos em diferentes latitudes fossem iguaes, concluir-se-hia a esfericidade da terra. Mas dependo a medida daquelles contra a existencia da segunda, parece bem pouco seguro continuar inteiramente com huma hypothese erronea. Digo inteiramente, porque em alguns casos he toleravel esta supposiçõ. Em derrotas de pequena extensão, o caminho percorrido, qualquer que seja a figura da terra, não differe sensivelmente de hum arco de circulo, o qual mesmo, attendendo á grandeza do raio, confunde-se com a sua corda; donde vem que a reduçãõ da derrota se faz por hum triangulo rectilineo. E como todos os dias se faz esta operaçãõ, não importa muito attender á figura da terra. Mas para avaliar as hypotenusas destes triangulos não conviria o maior cuidado?

Não sendo de antemão conhecida a figura da terra, os astrônomos voltarião-se para o Céu, e determinarão por comprimento de hum grao sobre a superficie da terra o espaço percorrido até que a vertical de hum astro mude hum grao. Posta esta diffinição, se empregarão homens muito habéis em medirem diferentes graos, e os seus resultados todos diferentes se achão em muitas obras, e nelles

vemos variaçoens de 56753^t (no Equador) até 57442 (no circulo polar). Na Latitude de 45^o se achou 57008: de maneira que (para se formar ao trabalho) se assentou dar ao grao 57000 toesas, que dá para huma legoa, ou a vigésima parte de hum grao 2850 toesas, ou 270100 pés, que reduzidos a metros (porque pé = metro: 1: 0,32484 Trig. de Legendre Introd.) dão 5554,764; que corresponde a 2524,892727 braças, ou 25248,92727 palmos = 5049,7854 varas para comprimento da legoa; e para a milha, 1683,261818 varas. Daqui resulta que

$\frac{1}{120}$ deste comprimento, ou 14,02718 varas,

ou 14 varas, 1 pollegada e huma linha, he a extensão que se deve dar ao cordel durando a observação 30''. Para 28'', achar-se-ha por huma muito simples proporção 13 varas 3 pollegadas, 8 linhas.

Mas vê-se que este comprimento não he exacto em latitude alguma. Não seria melhor em cada huma empregar o verdadeiro comprimento da milha, e por consequencia da divisão do cordel? Porém isto exigiria medidas de todos os graos. A theoria acode a esta difficuldade, prestando a formula

$$\frac{c}{r} = 1 - 3\alpha \left\{ \text{sen}^2 \Phi' - \text{sen}^2 \Phi \right\}.$$

Sendo c o comprimento de hum grao na la-

titude Φ , e' o de outro na latitude Φ' , e α o achatamento da terra, ou a differença dos dois eixos, suppondo-a espheroidal, que faze-

mos com Laplace de $\frac{1}{334}$. Esta formula se

acha em muitos autores, e se verá tambem no Compendio de Astronomia para uso da Academia R. M., que brevemente verá a luz.

Esta fórmula he a mesma para o comprimento do cordel da barquinha porque $\frac{c}{7}$ he o mesmo que $\frac{c}{7200} = \frac{c'}{7200}$. Logo havendo

determinado na latitude de 45° (onde o comprimento do grao he 57008 toesas) a extensão de cada intervalo de cordel correspondente a $30''$ de tempo de 14 varas, 1 pollegada e 2 linhas, ou 14,02914 veremos facilmente para as outras latitudes a seguinte tabella

Latitudes.		Comprimentos.		
Graos	Braças	Palmos	Pollegadas	Linhas
0	13	9	5	$3\frac{1}{2}$
10	13	9	5	7
20	13	9	6	$5\frac{1}{2}$
30	13	9	7	$9\frac{1}{2}$
40	14	0	1	5
50	14	0	3	2
60	14	0	4	10
70	14	0	6	5
80	14	0	7	4

Ora (penso eu) que, emendando de dez em dez graos o cordel, se approxinará mais á verdadeira avaliação do caminho andado; e he tão simples esta operação, que eu não sei que motivo retarde a sua pratica.

Tenho dito da barquinha quanto basta. Quanto ao modo de a lançar, e cautelas necessarias, a practica he o melhor Mestre, e o golpe de vista, que nesta sciencia (como em todas) he o resultado de estudos e combinaçoens juntos a huma acertada pratica, pôde mais que todas as minhas reflexoens.

Porém esta exacção na medida seria bem pouco proveitosa, se não observassem cuidadosamente as variaçoens, que soffre o comprimento do cordel, allongando-se, ou encolhendo com o calor, ou com a humidade. Pello que convem frequentes vezes verifica-lo, e fazer as emendas necessarias. Pôdem evitar-se estas emendas, attendendo á differença, e fazendo conta com ella. Se achassemos, por exemplo, que em 8 divisioens havia crescido ou minguido meia divisão, diríamos no primeiro caso 8:7,5:: as milhas contadas na singradura: as milhas andadas; e no segundo a primeira razão seria 8:8,5. E isto pouparia com effeito a emenda. Mas, sendo necessario repetir esta operação a cada rumo, ou pelo menos a cada triangulo, me parece que seria muito mais commoda a emenda, do que a frequente repetição de proporçoens.

Outras muitas reflexões se poderião fazer, que ommitto, porque a sua utilidade seria nulla, e esta he o alvo das minhas considerações, como declara a epigraphé. Mas o que cumpre attender escrupulosamente he a medida do tempo. Esta se faz por meio do instruento bem conhecido, chamado ampulheta. As difficuldades, que ha neste instrumento, são sabidas de todos; 1.º a perfeita similitude dos dois vidros, que o compõe, o que influe notavelmente na velocidade com que a arêa passa de hum a outro vaso. Quanto mais estreito for o cône de vidro, que a arêa deve encher, tanto maior será a pressão, que as particulas inferiores soffrerão, e em consequencia maior será a velocidade, com que passe pela abertura ou ponto de comunicação: Donde se segue que a desigualdade dos vasos tras com sigo a desigualdade de velocidade, e por consequencia as passagens de hum vaso para outro não serão feitas em igual tempo. O outro obstaculo he que a fricção da arêa vai successivamente alargando a abertura, e por tanto diminuindo o tempo, em que a arêa passa de hum a outro vaso. Estas duas causas não são ainda as unicas. A humidade da athmosfera altera tambem a sua fidelidade, chegando algumas vezes a embarçar inteiramente a passagem da arêa. Estes motivos tem obrigado a levar huma ou mais ampulhetas de verificação; porém sendo estas sujeitas aos

mesmos inconvenientes, vem a ser bem equivoco o seu testemunho.

O modo de verificar este instrumento em terra, tambem merece alguma attenção. Hum pendulo de segundos he o meio, de que se serve para este fim. Ensiná a Mechanica que o tempo de huma oscillação he igual á raíz quadrada do comprimento dividido pela gravidade, entendendo por estas expressões, o n.º abstracto que mostra a razão do comprimento do fio para a unidade, e outro que mostra o n.º de pés que a gravidade percorre em huma unidade de tempo, v. g. hum segundo; donde se vê que a razão he homogênea. Daqui se deduz que o comprimento do fio deve ser igual ao quadrado do tempo multiplicado pelo espaço percorrido pela gravidade em hum segundo. Se a gravidade fosse constante em todos os lugares da terra, deveria ser igual o comprimento do pendulo de segundos. E he esta a supposição que fazem os Authores de Navegação, quando estabelecem para compri-

mento do pendulo de verificação $9^p 2\frac{1}{2}$ francezas, ou $9^p 0,78^l$ portuguezas, que he o comprimento em Pariz. Ora mostrando a experiencia que a gravidade muda de hum lugar para outro, devem ser os comprimentos proporcionaes ás gravidades, isto he, mudarem

successivamente. Tomando por unidade o comprimento em Paris, se tem achado os seguintes.

<i>Latitudes.</i>	<i>Comp. do Pendulo.</i>
0°	0,99669
18°	0,99745
43,6	0,99950
48,8	1,00000
66,8	1,00137

De maneira que tomando pelas partes proporcionaes para 23° a fracção 0,99786, teremos o comprimento do pendulo no Rio de

Janeiro 9^p 1, 1° francezas, ou 9^p 0,54^l portuguezas, ou a differença de perto de $\frac{1}{4}$ de linha.

Eu bem sei que na pratica não se pôde attender a tanta delicadeza, porque ha erros na execução maiores do que aquelles que se podem commetter na theoria. Mas será por ventura melhor ajuntar a aquelles inevitaveis outros que se poderião obviar, para nos poupar-mos a hum pequeno trabalho? Se Newton dizia que nas couzas mathematicas não se devião desprezar os erros mais pequenos, que fará quando a applicação das mesmas tem por objecto as vidas, e as fazendas de tantos individuos!

As difficuldades pois que offerece o uso da ampulheta recomendão com preferencia o uso de hum relógio de segundos. O erro não será de meio segundo, em quanto he inevitavel hum mais consideravel na ampulheta.

De que servirão porém tantos desvelos, se a operação fosse grosseiramente feita? Mas porque hão de haver descuidos em huma materia de tanta importancia? Quem pensaria que muitas vezes mudando de rumo, de panno, de força do vento, de mar, se continuasse a escrever na pedra o numero de milhas correspondente a outros dados para evitar o deitar a barquinha? Quem se persuadiria que a preguiça tenha feito passar muitas horas sem procurar saber o verdadeiro andamento do navio? E porque? — Porque a barquinha não he exacta. — Isto quer dizer, eu com todos os meus descuidos terei de engano meia milha. — Ha tal discorrer! Doze milhas em huma singradura já não merecem attenção? — Porém com todas estas impertinencias o erro não diminuiria de metade. — Negando o facto, digo que ainda assim trata-se de 6 milhas por singradura, e se muitos dias não houver sol, por exemplo 10 dias, temos o erro de hum grão. Não basta (torno a dizer) que o numero de erros que se evitão seja muito menor do que o dos inevitaveis: ninguem he responsavel pelo que fica além do seu alcance, mas todos devem empenhar-se em diminuir quanto em si he as causas de erro. Pilotos, a vossa honrosa profissão exige as mais delicadas combinaçoens. Nenhum escrupulo he muito, quando se trata dos bens, e da vida de tantos homens, confiados ao vosso cuidado. Os nomes dos Gamas

e Cabraes anda de mistura com o do celebre Piloto Nicolau Coelho; Alvaro Esteves, e João de S. Jago, e outros ganharão aos Portuguezes os primeiros descobrimentos. E porque descorçoais? Para que vos enuregais ao ocio! Eu sei bem quanto he penoso o vosso mister: mas não perdeis vós muitos instantes, que não bem empregados seriam em aperfeiçãoar os instrumentos da vossa gloria? Ouvi os conselhos de hum homem que prestou á vossa profissão alguns cuidados, e que se ainda hoje não se emprega em espreitar os meios de aperfeição-la, *Ob noxam unus et furias...*, todavia não renuncia absolutamente a estes cuidados, e em huma tarefa analoga aos seus primeiros estudos, volta muitas vezes os olhos ao destino, a que o chamavão os seus desejos, e por ventura a sua constituição physica.

ua
uz-
rio
dos
-se
hi-
on-
lhe
Ca-
tu-
um
an-
na,
; e
da-
rel-
ou
ner
Rio
mo
es-
le,
pe-
de

Fig. 1.

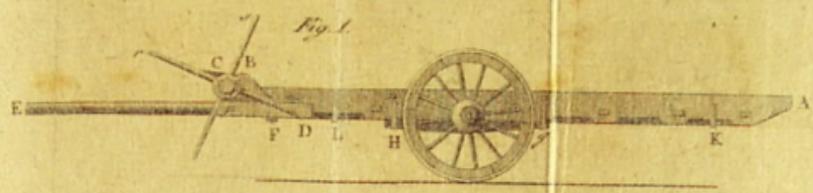


Fig. 2.

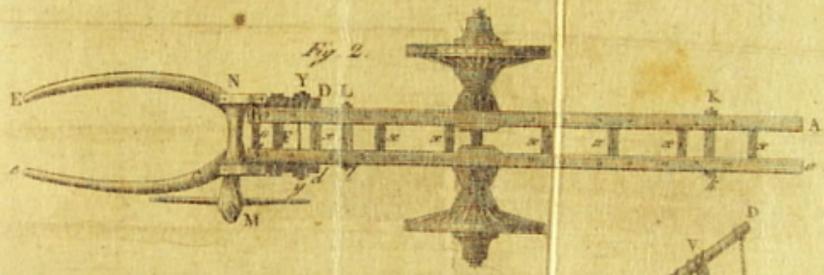


Fig. 3.

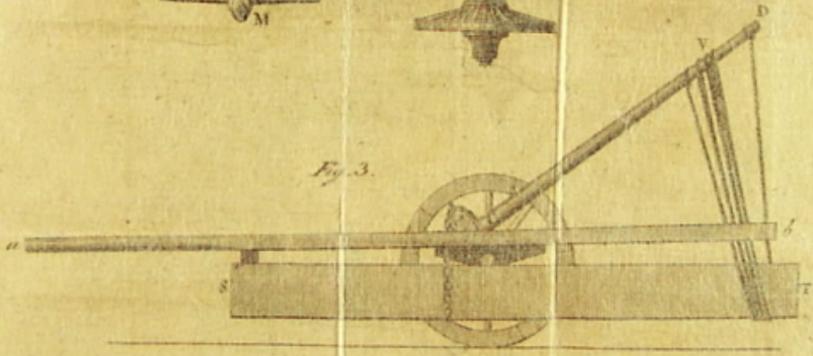
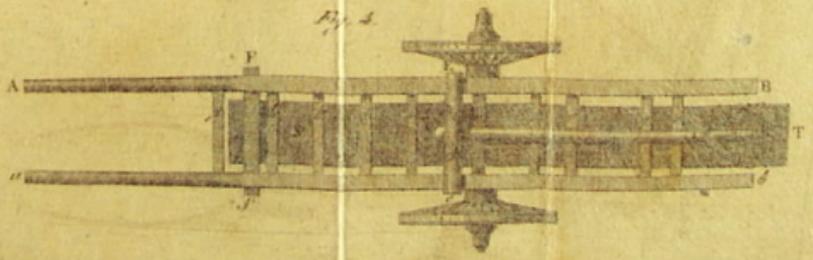


Fig. 4.



e Ca
Pilote
João
tugue
que
ocio
miste
que
os in
selhos
profis
je ni
aperfi
todav
dados
prime
ao de
jos,

GEOGRAFIA.

*Noticias sobre Cabo Negro, extrahidas dos
fragmentos da Viagem do Doutor Joa-
quim José da Silva.*

Não ha muito tempo se publicou hum
Mappa Hollandez, que dá o nome de *Cuné-
ne* ao rio, que desemboca ao S. de Cabo Ne-
gro, querendo dar a entender que aquelle rio
corta este Cabo com huma largura propria dos
grandes rios; mas pondo de parte o haver-se
o seu A. enganado sobre a posição geographi-
ca da sua desembocadura, muitas rasoens con-
correm a persuadir-me, que aquelle nome lhe
não convem. Em Hacobona, onde estive, Ca-
pital de Auimba, que vizinha com os Mu-
gamboes, dizião que dalli estava hum
grande rio, a que chamavão *Cobale*, indican-
do, quando nelle fallavão, para Quiabicua,
para onde os nossos dizem corte o *Cunéne*; e
acrescentavão, que este rio hia ter a *Inha-
na*, ou grande lagoa, segundo quer dizer aquel-
la palavra. Ora geralmente entre todas, ou
a maior parte destas Naçoens, *Quinene* quer
dizer *grande*, e não duvido que por isso *Rio
Cunéne* por corrupção, venha a ser o mesmo
Rio Quinene, ou grande, como outros mes-
mo de entre os negros chamão ao *Cobale*,
por ser elle talvez o unico rio grande, e pe-
rêne, que se conhece neste sertão do Sul. Se

este rio he o mesmo que os nossos chamão Cunene, como parece provavel, não he sem duvida daquelles, cuja desembocadura he conhecida: quando nós estavamos em pouco menos altura que a de 19°, e a 5 ou 6 dias de jornada do mar, eu me persuadi que poderíamos pelo SO, ou pelo OSO encontrar a sua corrente; mas andando ainda muitas legoas, não podemos achar hum só vestigio, que não fosse das estereis vizinhanças de huma Costa inhabitavel. Todavia parece intubitavel que he a este rio, e não ao qua desemboca em Cabo Negro, que compete o nome de *Cunene*.

Sabe-se que os que navegão pela latitude de 16° observão, quotidianamente sobre as agoas varios pedaços de madeiros, ou ramos de arvores, a que chamão *Trombas*, e outros signaes de chã de algum grande rio, que lança ao mar, em notavel distancia da Costa, estes fragmentos; mas esta observação, ainda que feita pela maior parte dos navegantes, não he menos certo que não tem acontecido infalivelmente em todos os tempos, nem a todos elles, como anim me aconteceu viajando para esta Costa; e posto que isto se attribua ás diversas distancias, em que se passa da Costa, não ha razão alguma que confirme este pensamento, podendo succeder o mesmo porque o rio, qualquer que elle seja, só arroje as chamadas *Trombas* em occasião de enchente. Effectivamente ao Sul daquelle Cabo

desemboca hum rio, que faz barra entre huma pequena ponta de arã ao S. do Cabo, e a Costa tambem de arã ao S. desta ponta, que assim continúa pela terra dentro por espaço de muitas legoas, sempre fronteira a huma serraia não menos extensa, que termina inda de longe em huma Mina de Sal marinho terrestre, por detraz, e ao N. de Cabo Negro. Quem navega por este rio para o mar nos mezes de secca, encontra por todo elle, não só profundas lagoas de agoa navel, mas tambem tanques naturaes de rocha, que se tem formado pelo correr dos tempos, nos quaes se conserva agoa pela maior parte salgada, e com peixes; e algumas destas cavernas se vêm cobertas de bellas crystallizaçoens do mesmo sal: alem disto o menos profundamente que se caye no leito deste rio, sempre se encontra excellente agoa doce, que em algumas partes se vê manando, até sumir-se pela arã a pouco distancia da sua fonte; como igualmente me dizem acontece, e eu o observei em outros rios deste serrão. Estas circumstancias, a grande extensão da corrente deste rio, e os vestigios das suas grandes cheias, que se conservão, em não poucas braças acima do seu fundo, pelos troncos e ramos de altas arvores, são mui claros indicios da grande massa, com que corre em certos tempos, em que a sua arrebatada corrente deve necessariamente arrojar muitas legoas ao mar, troncos, e frag-

mentos de arvores, maiormente de palmeiras, que povoão toda a extensão das margens, que trilhei. Daqui concluo; que este he sem duvida o rio, que lança ao mar as chamadas Trombas, e o mesmo que o A. daquelle Mappa chama Cunene, por não ter certamente podido fazer todas estas observações. Em quanto á foz do Cunene, se ella existe nesta Costa, ou he muito ao S. de Cabo Negro, ou cortando aquelle rio o paiz dos Hotentotes.

Do porto que fórma o rio das Trombas, se avista continuada desde OSO até o NE, huma formosa bahia, terminada da parte do S. pela costa baixa de arêa, em que já fallei, donde recolhendo para dentro, continúa em rochedos, que pelas estranhas configurações que nestes sitios se lhe imprimem, inda de longe da costa, representão já capiteis, já pilastras, cornijas, e outras obras de architectura, prostradas pela antiguidade, só com a interrupção do mesmo rio. Da parte do SO, e dentro da mesma bahia, se levanta a Costa em huma ponta grossa, com huma planície emcima, cuja superficie he tapizada de pequenos seixos de diversos generos, misturados de argilla, em combinação de huma ocre amarellada, que se observa em toda a Mina de sal. No meio da bahia ao N. e NE está outra ponta grossa de pedra, toda de impressões de conchas de diferentes generos, e de seixinhos, que se estende para terra desigual

por espaço de tiro de mosquete; de sorte que a mencionada bahia vem a ser dividida por esta ponta em duas enseadas, sendo a da parte do N. mais curva. A outra metade da bahia comprehende não só a ponta grossa do SO, mas outra pequena ponta ao NNO, da qual corre para o SO. hum estreito banco de arêa, que terá meia legoa de extensão, o qual tapa justamente a boca do rio, neste tempo quasi seco, e encoberto de arêas. Em qualquer destes sitios se não encontra desembarque mais trabalhoso que no porto de Benguella; e como a este chegámos a 10 de Agosto de 1786, dia de S. Lourenço, os nossos concordarão todos em chamar-lho *Porto de S. Lourenço*. A ponta de impressões lhe chamei *Ponta do Padrão*, porque felizmente, subindo esta ponta, alli achou a minha curiosidade hum meio de confirmar o calculo pelo qual me fazia em Cabo Negro, descobrindo hum Padrão de marmore nobre, com huma inscripção em caracteres goticos, prostrado, e quasi arruinado pelo tempo, cujo achado causou em todos hum alegre espanto: eu o fiz novamente erigir, e reparar o melhor que me foi possível. Esta ponta, juntamente com a do SO, creio que forma o Cabo Negro do moderno Mappa, cortado pelo rio das Trombas.

O rio das Trombas he abundantissimo de sal, que tambem se acha em grande copias nas montanhas da sua margem do Norte. Os

habitantes das suas ribeiras são tão inermes e pouco dispostos para a guerra, que demorando-nos por aqui mais de hum mez, nunca achámos embarço ás nossas marchas, antes a grande vantagem de lhes tomar-mos impunemente os seus gados, de que tivemos grande falta até ás suas vizinhanças. Deste modo se vê, que será facil em tempo de secas subir por elle acima, e talvez tão grande distancia, que deste modo se consigão mais certas noticias do Cunene, e da Contracosta. Alem disto, se algum dia parecer conveniente procurar Hacabona, na vista de alcançar em menos tempo mais seguras noticias daquelle rio, he mais facil, desembarcando em Cabo Negro, buscar aquella Libata, como mais breve caminho para a parte mais austral do Cunene. Nem menos he digno de ponderação, que a sobredita Libata não póde estar muito distante do Paiz do *Monotapa*, hum e o mais poderoso vizinho do rio de Sena: as argolas, e outros pedaços de cobre, que servem de ornato aos habitantes, e que lhes veia do Humbi, são huma demonstração da vizinhança, assim do Humbi, como do rio Cunene. O cobre, e a abundancia de Abadas, e de Elefantes por estes paizes, são tres artigos de grande importancia, e que valerão bem a pena de se estabelecer por aqui huma Feitoria. O genio brando destes povos não contrariaria o nosso estabelecimento; e este mes-

mo genio indicando docilidade de animo, faz presumir, que elles serão susceptiveis de tal ou qual civilisação, que não sábia com brandura lhes procure introduzir. Seria facil de adquirir a sua amizade, fornecendo-lhes nós ovos de Hema, de que tanto abunda o Brazil, por preço mais commodo, que aquelle pelo qual elles hão este artigo dos de Hacabona, ou dos Mohumbis, para a construção das suas *Canhamenas*, que tanto estimão; como tambem manillas de ferro, e outros enfeites; e por hum sistema invariavel de justiça, e de equidade, nós conseguiríamos em breve espaço, haver das suas mãos em profusão o marfim, as pontas de abado, o sal, e talvez o cobre, e algum outro artigo de grande valia; e por ventura a gloria de libertar estes miseraveis da sua bruteza, e de conquistar mais hum povo ao Christianismo, e á Sociedade Universal.

POLITICA.

NO Prospecto desta Obra se premetteu dar noticia das Leis, Decretos, Editaes, &c., que sahisse nesta Corte; o que até agora não se cumpriu, reservando para este lugar fazer o extracto de quantas se houvessem publicado no corrente anno. A este projecto satisfere-

mos neste N.º, dando huma idéa resumida das mesmas Leis.

21 de Janeiro de 1813.

Decreto, que explica o paragrafo segundo do Alvará de 28 de Abril de 1809, determinando que a isenção de direitos allí facultada, comprehenda sómente os generos fabricados nas manufacturas em grande, estabelecidas por Immediatas Reaes Ordens, ou Provisões da Real Junta do Commercio.

26 de Janeiro de 1813.

Edital do Conselho da Fazenda, prohibindo os cortes de pão brazil, e declarando que o Principe Regente por Aviso da Secretaria de Estado dos Negocios do Brazil de 11 do mesmo mez determinára que as licenças para os ditos cortes fossem concedidas por aquelle Tribunal.

12 de Fevereiro de 1813.

Decreto, que declarando o de sete de Novembro do anno passado, Ordena que os presos á Ordem do Intendente Geral da Policia, ou a requerimento de partes, cujas culpas formadas houverem sido remetidas aos respectivos Magistrados, e á sua Ordem se tenham

lavrado os Assentos do costume, sejam soltos em virtude das Sentenças, em que forem julgados livres, sem dependencia de nova determinação do mesmo Intendente Geral da Policia.

16 de Fevereiro de 1813.

Decreto, que isenta os cazais de Ilheos que pela Intendencia Geral da Policia foram pedidos ao Governo das Ilhas dos Açores, e a seus filhos de serem recrutados para o serviço militar da tropa de linha, e mesmo de servirem nos corpos milicianos contra sua vontade; estendendo a mesma graça aos cazais de Ilheos, que para o futuro viessem estabelecer-se no Brazil.

10 de Março de 1813.

Decreto, que concede ás pessoas effectivamente empregadas no serviço da Fabrica das Curtas de jogar desta Corte, ou na venda dellas os Privilegios, Faculdades, e Isenções concedidas aos empregados na Fabrica de Lisboa pelos Alvarás de trinta e hum de Julho de mil setecentos e sessenta e nove, e seis de Agosto de mil setecentos e setenta.

1 de Abril.

Decreto, que approva o plano do Estu-

dos de Cirurgia, offerecido por Manoel Luiz Alvares de Carvalho, Medico Honorario da Camara de S. A. R., e Director dos Estudos de Cirurgia e Medicina nesta Corte.

Como este plano, como hum estabelecimento litterario, pertence á nossa empreza, copia-lo-hemos fielmente.

Plano dos Estudos de Cirurgia.

I.

OS Estudantes para serem matriculados no primeiro anno do Curso de Cirurgia, devem saber ler, e escrever correctamente.

II.

Bom será que entendão as linguas Fran-
ceza, e Ingleza; mas esperar-se-ha pelo exa-
me da primeira, até á primeira matricula do
segundo anno, e pelo da Ingleza, até á do
terceiro.

III.

A primeira matricula se fará de quatro
até doze de Março, e a segunda de dous até
seis de Dezembro.

IV.

O Curso completo será de cinco annos.

V.

No primeiro aprende-se a Anatomia em
geral até ao fim de Setembro, e deste tempo
até seis de Dezembro ensinar-se-ha Chymica,
Pharmaceutica, e o conhecimento dos generos
necessarios á Materia Medica, e Cirurgia sera
applicaçãoens; o que se repetirá nos annos se-
guintes.

VI.

Todos os Estudantes assistirão desde o pri-
meiro anno ao curativo, o qual se fará das
sete horas até ás oito e meia da manhã; e
dahi até ás dez, ou ainda mais, será o tem-
po das liçoens da Anatomia, e de tarde quan-
do for preciso.

VII.

No segundo anno repete-se aquelle estu-
do com a explicação das entranhas, e das mais
partes necessarias á vida humana, isto he, a
Physiologia, das dez horas até ás onze e trez
quartos da manhã, e de tarde se conveniente
for.

VIII.

Aquelles Estudantes que ou souberem La-
tim, ou Geometria, signal que o seu espiri-
to está acostumado a listudos, matricular-se-
hão logo pela primeira vez neste segundo an-
o

no, e nenhum outro o poderá pertender, porque não he de presumir que tenha os conhecimentos necessários para o exame das materias do segundo anno, o qual, como outros quaesquer exames deste Curso, sempre será publico.

IX.

Deste segundo anno por diante até ao ultimo haverá Sabatinas, e todos os mezes *Dissertação em lingua Portugueza.*

X.

No terceiro das quatro da tarde até ás seis, dará hum Lente Medico as liçoens de *Hygiene, Etiologia, Pathologia, Therapeutica.*

XI.

Deste até ao fim do quinto não ha feriados nas Enfermarias, mas somente nas Aulas, se não houver operação de importancia a que devão todos assistir.

XII.

No quarto instruções Cirurgicas, e Operações das sete horas até ás oito e meia da manhã, e ás quatro da tarde lições, e pratica da *Arte Obstetricia.*

XIII.

No quinto pratica de *Medicina*, das nove

até ás onze da manhã, e ás cinco da tarde haverá outra vez assistencia ás lições do quarto, e á *Obstetricia.*

XIV.

Neste anno depois do exame podem haver a *Carta de Approvado em Cirurgia.*

XV.

Aquelles porém, que tendo sido approvados plenamente em todos os annos quizerem de novo frequentar o quarto e quinto anno, e fizerem os exames com distincção, se lhes dará a nova graduação de *Formados em Cirurgia.*

XVI.

Os *Cirurgiões Formados* gozarão das prerogativas seguintes: 1.^o Preferirão em todos os Partidos aos que não tem esta condecoração: 2.^o Poderão por virtude das suas *Cartas* curar todas as enfermidades, onde não houverem *Medicos*: 3.^o Serão desde logo membros do *Collegio Cirurgico*, e *Oppositores* ás *Cadeiras* destas *Escolas*, e das que se hão de estabelecer nas *Cidades da Bahia e Maranhão*, e em *Portugal*: 4.^o Poderão todos aquelles que se enriquecerem de principios, e pratica a ponto de fazerem os exames, que aos *Medicos* se determinão, chegar a ter a *Formatura*, e o *Grão de Doutor em Medicina.*

XVII.

Os exames são os dos preparatorios, os dos annos lectivos; as Conclusões Magnas, e Dissertações em Latin.

Palacio do Rio de Janeiro em o primeiro de Abril de mil oitocentos e treze.

Conde de Aguiar.

8 de Abril de 1813.

Alvará com força de Lei, pelo qual simplificando-se a publica administração, he extinto o Tribunal da Junta dos três Estados, passando para o Conselho da Fazenda a Inspeccão sobre os restos dos Direitos Reaes, que ainda estavam a seu cargo, e para o Conselho da Guerra inteiramente a Inspeccão das Candelarias; concedendo aos Deputados, Fiscal, Secretario, e mais Officiaes da extinta Junta metade dos Ordenados que percebão, em quanto não forem empregados nas Secretarias do Conselho da Fazenda, sendo habeis, e necessarios.

13 de Maio.

Alvará com força de Lei, que estabelece numero certo de Ministros effectivos na Casa da Supplicação, e Relação e Casa do Porto; a saber sessenta na primeira, e quarenta e cin-

co na segunda, alem do Chanceller: extingue duas Casas de Aggraves, reduzindo-as a doze, e duas varas da Correição do Cível da Corte, ficando somente duas: e igualmente extingue a Commissão das dividas preteritas, creada pelo Decreto de onze de Outubro de mil setecentos e sessenta e seis: augmenta as Alçadas com mais duas partes do que se acha no Alvará de vinte e seis de Janeiro de mil seiscentos e noventa e seis: ficando por exemplo a dos bens de raiz de 250000 reis reduzida a 750.

Tabella do Regulamento das Alçadas, que se devem observar daqui em diante.

Para excluir a Revista nos bens de	Raiz 110500000
	Nos Moveis 112000000
Nas Causas sentenciadas em huma ou duas Instancias, de	Raiz 3600000
	Moveis 6000000
Corregedor do Cível da Corte e do Porto	Raiz 750000
	Moveis 900000
	Penas 300000
Relação do Porto	Raiz 7500000
	Moveis 9000000

Corregedores das Comarcas	Raiz	32\$000
Civel da Cidade de Lisboa	}	Moveis 40\$000
Juiz de India e Mina		
Provedor das Capellas e Reziduos		
Ouvidor da Alfandega	Penas	12\$000
	Raiz	32\$000
	Moveis	40\$000
	Penas	12\$000
Ouvidores das Comarcas	Raiz	32\$000
	Moveis	40\$000
	Penas	12\$000
Juizes de Fóra das Terras da Coroa	Raiz	16\$000
	Moveis	20\$000
	Penas	6\$000
Juizes de Orphãos desta Cidade, e Juizes dos Orphãos de Fóra	Raiz	16\$000
	Moveis	20\$000
	Penas	6\$000

Palacio do Rio de Janeiro em treze de Maio de mil oitocentos e treze.

Conde de Aguiar.

NECROLOGIA.

A Russia perdeu hum dos seus homens mais distinctos, e a honra do seu clero; o illustre Platon, Metropolitano de Moscow e de Kalomna. Este homem celebre morreu na idade de 75 annos. Deixou obras, que formão mais de 20 volumes. Todas ellas ajuntão a huma união rara hum grande talento de persuadir e de mover, e muita força de mistura com muita doçura - debaixo do exterior mais simples, ellas fazem época na eloquencia do pulpito da Russia. Ellas sobreviverão sempre ao seu author, como as suas virtudes. Elle tinha todas as de hum sabio, hum bõ pastor, hum verdadeiro Christão; era o banfeitor e o amigo de humanidade, e amava a sua patria.

Courier de Lond.

Londres 23 de Março.

Sua Alteza Serenissima Madãme Princeza de Condé morreu a 28 de Março pelas 8 horas da noite, de huma enfermidade, que durou poucos dias. Tinha de idade 75 annos.

Sua Alteza Real Augusta Duqueza de Brunswick, depois de huma breve enfermidade, falleceu esta noite, entre as 9 e as 10 em sua caza em Hanover-square, com grande sentimento de toda a Real Familia.

Londres 6 de Abril.

Os restos de S. A. R. a Duqueza de Brunswick foram enterrados quarta feira passada no cemiterio da Capella de S. Jorge em Windsor. No dia precedente os obreiros que trabalhavão n'aquelle cemiterio descobrirão dois caixoes antigos, hum de chumbo e outro de pedra. Hinda o Principe de Galles quinta feira a Windsor, lhe pedirão as suas ordens, e elle mandou registrar os caixoes antigos em sua presença. Sir Henry Halford, hum dos medicos do Rei, desceu ao cemiterio com S. A. R. Abrio-se o caixão de chumbo, e achou-se hum corpo coberto de encerado; descobrio-se com cuidado a cabeça e o rosto, e se reconheceu o infeliz Rei Carlos I. cujas feições parecião tão perfectas como em vida. Sir Henry Halford tentou levantar o corpo, mas separou-se a cabeça, e se percebeu a fractura irregular dos golpes de machado, e parecia que a cabeça tinha sido pegada com argamaca. O que accrescentou hum alto grão de interesse a este espectaculo extraordinario; he que quando a cabeça se separou do corpo, cahio na mão de Sir Henry huma gota de hum fluido semelhante a sangue; elle suppoem que era sangue coahado que o calor do ar dissolveu. Sabia-se que o corpo do Rei mar-tir tinha sido enterrado em Windsor, mas de huma maneira tão secreta que até o pre-

sente não se havia sabido o sitio. O caixão de pedra continha o craneo e os principaes ossos do corpo de Henrique VIII. todos bem conservados.

A falta de lugar no N.º precedente não me permittio referir a perda mais lamentavel, e á qual tantas demonstraçoens tenho já dado de hum verdadeiro sentimento, sem procurar satisfazer mais do que á verdade.

A Serenissima Senhora Infanta D. Maria Anna, Irma da Fidelissima Rainha Nossa Senhora, falleceu de huma dispepsia no dia 16 de Maio pelas 9 horas da noite com 76 annos 7 mezes e 9 dias. As suas virtudes fizeram vivamente sensivel a sua falta. A sua brandura, affabilidade, Religião e Piedade tinham ganhado os coraçoes de todos os Portuguezes, e em hum e outro mundo erão os titulos inaufereveis ao amor, e veneração da Posteridade. A sua singular caridade, ostendendo-se ás tristes habitaçoens da miseria, visitando os carcereos, acodindo aos hospitales, e atapparendo tantos desvalidos, deixou hum vastissimo campo aos mais bem merecidos elogios, e hum indelevel motivo á dor mais profunda. No dia 19 foi depositado o Seu Real Corpo no Coro do Convento das Religiozas de N. S. da Ajuda desta Corte.

O Principe Regente N. S., tendo o mais perfeito conhecimento das eminentes qualidades de Sua Augustissima Tia, que fielmente em si copiava, tinha por isso mesmo hum mais avultado quinhão no publico sentimento. Depois das costumadas demonstrações, determinou fazer-lhe solemnes exequias na tarde do dia 13 e em todo o dia 14 do corrente.

Em outro lugar dêmos a descripção desta fúnebre Ceremonia, que seria inutil repetir. Hum elogio eloquente, tecido por hum muito habil Orador, avivou a saudade de todos, e fez correr lagrimas verdadeiras. As virtudes da Heroína Christã não havião mister os encantos da eloquencia para produzirem aquellê effeito; mas quando seria mais bem empregada a sua magia do que em desafiar á imitação de tão preclaras acções aquelles que talvez pararião em estereis admiradores? Não sendo o meu intento apressar o meu juizo sobre esta Oração, que com tanta satisfação ouvi recitar, julgo todavia hum justo tributo haver expellido estas poucas palavras.

Obras publicadas nesta Corte no mez de Junho

Cartas ao Author da Historia Geral da Invasão dos Franceses em Portugal: é da Restauração deste Reino, por Francisco de Borja Garção Stockler, Fidalgo da Casa de S. A. R.

Marechal de Campo dos Reaes Exercitos, Suocio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e da Sociedade Philosophica &c.

Esta Obra he composta de 9 Cartas. A 1.^a, que serve de Introdacção, depois de muito serias reflexões sobre o scepticismo historico, dá huma idéa dos objectos, que hão de occupar o A. em toda sua Obra, a saber a revindicação da Memoria do Duque Marechal General, e a justificação da Academia Real das Sciencias. Qualquer destas he, e deve ser muito caro a hum homem, cujos sentimentos correm parellas com os seus talentos. Como agradecido emprenhe com calor, mas sem exagerações, a primeira, e como hum Sabio, estimado e distincto por huma Corporação de Sabios, sustenta o decoro da Academia. Sinto (pela primeira vez) que as obrigações de Discipulo e de Amigo, e o profundo reconhecimento á gratuita estima, que sempre devi ao Ilustre A., não me permitto desafogar os meus sentimentos, receando ser suspeito. Por tanto eu não farei mais do que expor muito rapidamente a materia, que contem aquellas polidissimas Cartas.

Depois de indicar na segunda as correcções que se devem fazer nos factos relativos á Campanha de 1801, e na 3.^a a situação do Duque como Marechal General, expõe mensuravelmente os principios, que servirão de base ás operações, as iteas de hum plano de deteza,

e os acontecimentos da campanha de 1805, o que he o assumpto das Cartas 1.^a 5.^a e 6.^a Na seguinte examina a conducta do Duque Mariscal General. Tendo assim defendido a Memoria do Seu Amigo e do Seu Beneficitor, e desabafado assim o seu coração, elle volta as suas vistas á Academia das Sciencias, examina o seu procedimento e ving-a do epitheto indiscreto de *corpu sem alma*. Concluida assim a Carta 8.^a empenha-se na 9.^a em punir pela sua propria honra, mostrando o seu procedimento não só regular, mas até meritorio, para salvar a sentença — *Se ipsum deserere turpissimum est*.

Os documentos que acompanhão estas Cartas são da maior importancia para a Historia do desgraçado comeco do seculo presente. O A. muito instruido para enganar-se, e de muita prohibidade para enganar, merece hum credito superior, muito principalmente porque nos acontecimentos, que refere, pode dizer com verdade

*Quæ que ipse miserima vidi,
Et quærum pars magna fui.*

Eu estou persuadido que nenhum futuro Escriitor poderá recusar o seu testemunho sobre estes factos, que tanto lugar hão de occupar na Historia.

As ideias filosoficas espalhadas por toda a Obra, a pureza da dicção, e a elegancia do

estilo lhe segorão hum distincto lugar. Porém o que o faz de huma necessidade absoluta he o conhecimento topographico militar do paiz, e as excellentes considerações sobre a sua defeza. He neste sentido que o A. escreve apaginas 12.

„ Os homens verdadeiramente de guerra pelas qualidades do seu espirito, e pela extensão dos seus conhecimentos, derivarão destes mesmos principios as consequencias e reflexões que devem facilitar-lhes o conhecimento do Plano geral de defeza mais arrequade deste paiz. „ Deste modo o Leitor instruido achará nesta Obra huma fonte abundantissima de novos conhecimentos e de recursos, que o seu zelo possa pôr em pratica a beneficio da Patria.

Tal he o conceito de hum ingenho acanhado pela tenuidade de suas luzes, e que as suas circumstancias pessoais em relação ao A. fazem mais encolhido que comedido.

Elogio Historico do Senhor D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, Infante de Hespanha e Portugal, Almirante General da Marinha Portugueza, composto e offerecido á Muito Augusta Princeza a Senhora D. Maria Theresza, viuva do mesmo Senhor, por José Maria Dantas Pereira &c.

Muitos elogios havião apparecido do Serenissimo Senhor Infante, quer em proza, quer em verso, já recitados na Cadeira da verdade, já escritos no silencio do Gabinete, faltava porém a miuda exposição da sua vida.

política, isto he, do que fez, e do que pertenceu fazer, em qualidade de Almirante General. Havia hum homem muito versado no exercicio de escrever, e muito particularmente instruido de todas as circumstancias de sua vida Politica e Privada, que devia illustrar o Publico sobre este importante objecto. Este homem era o seu Mestre, que do seu retiro escreveu, e deu á luz o presente Elogio.

Em todo elle apparece constantemente o Author e seria bem difficil desconhecê-lo, ainda quando o seu nome não estivesse estampado na primeira pagina. Elle contém 29 pag. de texto, e 41 de notas: em humas e outras se encontram muitas noticias que serão bem interessantes quando o tempo houver apagado da nossa memoria grande parte do que presenciámos. Em hum Summario, que precede o Elogio, se vê de hum golpe de vista o seu objecto, e eu o recomendaria de bom grado á attenção do Publico.

Para dar ainda mais singularidade a esta Obra, se inserirão nas Notas varios mapps, o 1.º Da duração e conceito de cada lição que deu o Senhor Infante nos annos de 1802 e 1803; assim como de todos os passos da sua vida privada.

No verso deste se lê a Relação das forças navaes, que sahio do Tejo em 29 de Novembro de 1807, seus Commandantes, e passageiros mais notaveis.

O segundo Mappa contém as Commissões ordenadas por S. A., com o seu estado ou situação no fim do referido Novembro.

Reflexão do Redactor.

EU disse no N.º 1.º que, depois de haver desempenhado a minha empreza, cumpria pezar as razens daquelles que a condemnarão. Este vem a ser por tanto o lugar annuciado, e eu não posso por mais tempo escusar-me a este ingrato exame, no qual sem embargo procederei com toda a moderação possível.

Era hum problema, se no Brazil podia haver hum Jornal. Pessoas de acreditado saber, mas de hum genio melancolico, avultando as difficuldades, que carregariam sobre o Redactor, accusavão altamente a sua temeridade, e produzião milhares de argumentos, a que dava mais pezo a authority de quem as pronunciava. Costumado porém a ceder somente á razão e á experiencia, eu julguei que o verdadeiro modo de resolver o problema, era pôr-me em prova, e confiar da minha queda o meu desenganho. Eu annunciei a empreza, e entre pragas e agouros de huma parte, e elogios e estimulos de outra, caminhei constante ao meu fim. Tenho consummado a carreira, e he facil agora estabelecer hum argumento victorioso. Se a mingoa de talentos,

se a pobreza de conhecimentos, se o desempenho de obrigações, que eu considerava mais remotas, e que fazem a parte principal das minhas occupaões; se todos estes motivos juntos e outros muitos que não são desconhecidos aos Leitores, não ambaraçarão a publicação de hum tal Periodico; como será elle impossivel a quem posuê as qualidades que me faltão, e a quem talvez sobeja mais tempo? Como não sahiria elle perfeito das mãos d'aquelles, que embebidos na tarefa de condemná-lo, não quizerão concorrer, nem com huma linha, para a sua perfeição, julgando por ventura accelerar assim a sua queda?

Pessoas de hum merecimento decisivo protracterão ajudar os meus patrioticos intentos: mas não sei que motivos tem embaraçado este beneficio ao Publico. Outras porém, insistindo em levar avante aquelle projecto que havião fomentado, cooperarão, quanto em si era, para illustração dos seus compatriotas, e os seus nomes honrando de huma maneira distincta, a Lista dos Subscritores, acordará os outros do seu lethargo.

Porém acaso desempenhei eu, o meu fim principal? Jámais foi o meu intento fazer huma obra perfeita. E como o poderia eu esperar? Era sim o meu fito desafiar a applicação dos estudiosos, excitar a emulação daquelles que podião ser uteis; para que, par-

sando do imperfecto ao mais completo, se fizessem assim escriptores. Pretende-os immediatamente irreprehensíveis he ignorar esta gradação dos nossos conhecimentos, ainda muito mais longa, que as dos actos moraes. Ora he evidente, que huns não haverião escrito sem este incentivo, e outros deixarião no esquecimento as suas obras. Logo he innegavel que eu fiz hum servigo util á Patria em abalçar-me a esta empreza.

E com effeito, qual outro seria o meu proposito? Lembrar-se-há alguma do dezejo do lucro? Não seria facil mostrar que este jámais podia ser o meu alvo? E se não, como accrescentei mais de cem paginas nos 6 N.ºs, ajuntei 4 estampas (não havendo promettido alguma no Prospecto) além das Tabellas, difficéis de compôr, e por isso mais dispendiosas? O excesso da mão de obra sobre o preço esperado, despezas extraordinarias para satisfazer em tempo determinado á expectação do Publico, e outras muitas, que tem occorrido, me poem ao alcance de asseverar o meu desinteresse. Será o dezejo de bom nome? Por muito sensível que eu seja a este sentimento tão natural, eu seria loucamente presumido, se ousasse confiar de meu tenue saber tão vantajoso resultado. O fim por que me tem guiado tanto, he clara e unicamente o querer satisfazer aos veros que tomei por epigraphie.

Não entrarei agora na sincera conção

de meus defeitos: vale mais emenda-los que publica-los. O tempo he sempre o melhor Mestre, e os proprios erros são uteis a quem delles sabe aproveitar para evita-los.

O publico está já enformado da continuação da minha empreza, debaixo de huma forma mais elegante. Os soccorros, que ultimamente havemos recebido, nos poem em estado de esperar-vos a plena satisfação dos Leitores.

Continuação do Estado da atmosphera

Junho.

Dia	Ther.	Bar.			Tempo
		Graos	Pol.	Vint. Mil.	
1	69 $\frac{1}{2}$	29	17	34	claro
2	70		15	2	
3	70		15	2	
4	70		16	24	
5	69		15	40	nebrina
6	69 $\frac{1}{2}$		13	28	
7	71		11	38	chuva
8	71 $\frac{1}{2}$		12	30	
9	69		17	44	chuvoso
10	65	30	2	8	dito e denso
11	65	29	19	28	claro
12	67		18	32	nebrina
13	68 $\frac{1}{2}$		19	8	chuvoso
14	68		18	32	
15	69		15	26	nebrina
16	69		14	40	claro
17	69		18	8	chuvoso
18	70		19	34	claro
19	70		19	20	chuvoso
20	69 $\frac{1}{2}$		18	34	claro
21	70		18	12	
22	68 $\frac{1}{2}$		18	42	
23	68 $\frac{1}{2}$		17	28	
24	70		17	22	

Dia.	Ther.	Bar.			Tempo.
		Grass	Pol.	Vint.	
25	70		18	32	
26	70	30	0	34	muita chuva
27	49		1	30	claro.

INDICE.

LITTERATURA.

*Methodo de achar novas combinaçoens de
letras para novas palavras, continuado
do N.º 5.º pag. 18.* 3

POESIA.

*Poema, recitado no dia dos annos de Sua
Magestade Fidellissima D. MARIA I.
em 1788.* 15

*Canção inedita de Bocage a Luiz de Vas-
concellos e Souza, então Vice-Rei deste
Estado.* 22

*Soneto do Desembargador Antonio Ribeiro
dos Santos, ao Illustrissimo Francisco
de Borja Garção Stockler.* 27

O Retrato de Arnia. 28

AGRICULTURA.

Cultura do Café, Segunda Parte 31

HISTORIA.

*Continuação das Memorias sobre o Rio de
Janeiro, para servirem á Historia des-
ta Cidade.* 44

NAVEGAÇÃO.

Reflexões sobre as derrotas de estima, e suas correções. 58

GEOGRAPHIA.

Noticias sobre Cabo Negro, extrahidas dos fragmentos da Viagem do Doutor Joaquim José da Silva.

POLITICA.

Leis promulgadas nesta Corte. 78

Necrologio. 87

Obras publicadas nesta Corte na mez de Junho. 90

Reflexão do Redactor. 96

Continuação do Estado da atmosphera. 99

Lista dos Assignantes.

A SERENISSIMA SENHORA PRINCEZA DO BRAZIL D. CARLOTA JOAQUINA.
A SERENISSIMA SENHORA INFANTA D. MARIA IZABEL.

Alexandre Azzupard.
Anastacio Feliciano de Bastos Teixeira.
Antonio Alves de Araujo, 2.º ex.
Antonio de Araujo de Azevedo.
Antonio de Figueiredo Ramos.
Antonio Francisco Leal.
Antonio Homem do Amaral.
Antonio José de Oliveira Barceiros.
Antonio Martins Bandeira.
Antonio Miguel Machado de Carvalho.
Antonio Nicoláo de Souza Pereira Pinto.
Antonio Nunes de Aguiar.
Antonio Pedro Teixeira.
Antonio de Souza Caldas.
Antonio Pimentel do Vabo.
Antonio Pussich.
Antonio de Saldanha da Gama.
Fr. Arcanjo de Ancona.
Arcebispo da Bahia.
Antonio José da Silva Pauleti.
Barão de S. Lourenço.
Barão do Rio Seco.
Bento da Silva Lisboa.

Bernardo Carneiro Pinto de Almeida.
 Bernardo da Costa Pacheco.
 Bernardo Duarte dos Santos.
 Bibliotheca Publica da Bahia.
 Bispo Capellão Mór.
 Camillo Luiz de Rossi.
Camilla Martins Lage.
 Candido Lázaro de Moraes.
 Carlos Antonio Napion.
 Clemente Ferreira França
 Conde dos Arcos.
 Conde de Belmonte.
 Conde de Caparica.
 Conde de Cavalleiros.
 Conde das Galvéas.
 Conde de Linhares.
 Condeça de Linhares.
 Conde da Palma.
 Conde da Ponte.
 Diogo Duarte Silva.
 Diogo Gill.
 Diogo de Toledo Ordonhes.
 Domingos Alves Branco.
Domingos Borges de Barros.
 Domingos Carvalho de Sá, 2 ex.
 Enviado dos Estados Unidos.
 Estacio Gularte.
 Francisco de Abreu Barreto.
 Francisco Alberto Rubin.
 Francisco Antonio Demichellis.
 Francisco Bibiano de Castro.

Francisco de Borja Garças Stockler.
 Francisco Ferreira Machado.
 Francisco Gameiro Pessoa.
 Francisco Galli.
 Francisco Jaques de Araujo Bastos.
 Francisco José da Cunha.
 Francisco José Ferreira Rego.
 Francisco Lemos.
 Francisco Lobo.
 Francisco Lopes de Araujo.
 Francisco Luiz Saturnino.
 Francisco Miguel da Silva Mello.
 Francisco de Miranda.
 Francisco Pereira de Mesquita.
 Francisco Roza.
 Francisco Xavier Pires.
 Freese e Banckenhagem
Gaspar Marques.
 Gaudencio José Maria.
 Guilherme Harrison.
 Jacinto de Mello Palhares.
 Jeronimo Francisco de Freitas Caldas.
Ildefonso José da Costa e Abreu.
 João Bandeira de Gouvea.
 João Ferreira da Costa Sampaio.
 Fr. João da Graça.
 João Gomes Duarte.
 João Gomes de Oliveira e Silva.
 João José da Cunha.
João José Ferreira de Souza
 João Lopes Baptista.

João Luiz Borralho.
 João Marquez Vieira de Araujo Pereira.
 João Mazzoni.
 João Miguel da Silva.
 João Pinto.
 João Ricardo.
 João Rodrigues de Brito.
 João Rodrigues da Costa.
 João Rodrigues Pereira de Almeida.
 João Soares de Oliveira.
 Joaquim Antonio Alves.
 Joaquim Ignacio Moreira Dias.
 Joaquim José Ferreira Rego.
 Joaquim José Marquez.
 Joaquim José de Souza Lobato.
 Joaquim Pereira Queiroz.
 Isidoro Manoel Francisco Ferrugento.
 José Albano Fragozo.
 José Antonio de Oliveira Guimarães.
 José Bernardes de Castro.
 José Bernardes de Campos.
 José Bernardes Moreira.
 José Caetano Lima.
 José Costa de Resende.
 José Fernandes Figueiredo.
 José Gomes Morel Salgado.
 José Gomes Puppe Correia.
 José Ignacio da Silva.
 José Joaquim de Mattos e Lucena.
 José Manoel Placido de Moraes.
 José Maria Dantas Pereira.

José Maria Velho da Silva.
 José Maria de S. Anna.
 José Mathias de Landaburu.
 José Nunes de Souza.
 José de Oliveira Pinto Botelho Mosqueira.
 José Pereira Lopes da Silva e Carvalho.
 José da Silva Lisboa.
 Leandro José Rodrigues Machado.
 Luis Antonio Barboza da Silva.
 Luis Antonio Barradas.
 Luis Gomes Anjo.
 Luiz Joaquim Duque Estrada Furtado de Mendonça.
 Luis Joaquim dos Santos Marrocos.
 Luis Prates Almeida e Albuquerque.
 Manoel Antonio Cardozo.
 Manoel Bernardes.
 Manoel da Costa Pinto.
 Manoel Joaquim de Azevedo.
 Manoel José Campos Porto.
 Manoel José da Lima Braga.
 Manoel José Pereira Maia.
 Manoel Luis Alvares de Carvalho.
 Manoel Pereira Blanchart.
 Manoel de Souza Coutinho.
 Manoel Theodoro da Silva.
 Manoel Vieira da Silva.
 Mariano José Pereira da Fonseca.
 Marquez de Borba.
 Marques de Torres Novas.
 Martinho Grossman.

Martiniano José de Andrade e Silva.
Manoel Ignacio de Sampaio.
Nicolao Viegas de Proença.
Paulo Fernandes Vianna.
Paulo Martins e filhos em Lisboa, 25 ex.
Pedro Francisco Xavier de Brito.
Pedro Maria Colona.
Rainaldo José da Silva.
Roberto João Damby.
Rodrigo Pinto Guedes.
Simeão Estellita Gomes da Fonseca.
D. Thereza do O' de Almeida de Mello e Castro.
Thomaz Gonçalves.
Thomaz José de Aquino Pereira.
Fr. Tiburcio José da Rocha.

N. B. Dos Assignantes de fóra da Cidade não sabemos todos os nomes, mas da-los-hemos nos numeros seguintes á medida que chegarem ao nosso conhecimento.